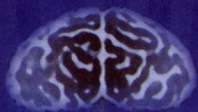


COMO DESENVOLVER AS FACULDADES INTUITIVAS



HENRI DURVILLE





O mundo contemporâneo apresenta desafios cada vez maiores.

Quanto mais o tempo passa, as respostas para questões cruciais devem ser encontradas de forma intuitiva. Todo aspirante espiritual sabe que a intuição é o caminho mais seguro para dar passos firmes e, sob sua luz, enxergar as coisas com clareza para fazer o que tem que ser feito. Fica então uma pergunta chave na trajetória espiritual: Como desenvolver as Faculdades Intuitivas?

Henri Durville, nesse livro, conta com muita propriedade os caminhos para a integração da mente com o coração, dentro de uma ponte sólida espiritual por intermédio, principalmente, da educação do coração, implantando o ritmo em nossas vidas, e aponta que a Faculdade Intuitiva existe, em cada um de nós, em estado latente, e também faz um alerta sobre os perigos do uso de drogas nesse processo.

Com uma linguagem simples, didática e clara, ele descreve esse processo de forma lúcida e ainda dá sinais profundos de um dos mistérios no caminho da iniciação: ouvir a voz do silêncio.

Além de ressaltar a importância do florescimento das Faculdades Intuitivas ele nos convida a contatar e nos relacionar com as Forças Superiores de forma poética, quando diz: "Estão aí, essas Fontes Puras. Estão à nossa disposição, ao alcance da nossa mão. Parece que não devemos senão formular o nosso desejo e lançarmos com o coração sincero, para as atingirmos e mitigarmos a sede. E para obter tais alegrias, sujeitamo-nos a um exercício, a uma prática que não é dolorosa nem amarga, e que, depois de algum esforço da vontade, faz-nos comungar com os Ritmos e com as Forças que levam o pensamento a viver no mundo da Luz, que é o seu real elemento."



HENRI DURVILLE

COMO DESENVOLVER AS
FACULDADES INTUITIVAS



LORENZ

2004

Editora Professor Francisco Valdomiro Lorenz
(Círculo Esotérico da Comunhão do Pensamento)
Rua Dr. Rodrigo Silva, 85
São Paulo – SP

Todos os direitos reservados.

Editor:
Dirceu Pinheiro

Capa:
Ananda

Revisão:
Maria Aparecida Andrade Salmeron

Editoração:
Hilda Gushiken

Consultoria Gráfica:
Ecograph - Soluções Gráficas

Impressão/acabamento:
EDITORA PARMA LTDA.

Sumário

Capítulo I – O PODER EMOCIONAL, 7

A educação sentimental. – Como proceder a essa educação. – Processos empregados pelos Jesuítas; os exercícios espirituais de Santo Ignácio de Loyola. – O jesuíta deve aprender a sentir, a vibrar, a se comover. – Aplicação da vista. – Aplicação do ouvido. – Aplicação do gosto. – Aplicação do tato. – Contrariamente ao que ensinam os jesuítas, é preciso não pesquisar senão emoções reconfortantes. – A evocação de um sítio encantador. – A reeducação sentimental e como deve ser compreendida. – O iniciado, quando o quer, torna-se um verdadeiro foco de vida. – O encanto arrebatador da Natureza. – Magnetismo superior.

Capítulo II – O SILÊNCIO, 43

A Sabedoria ideal está no silêncio. – A calma interior. – O silêncio das paixões, o domínio dos impulsos, a paz do coração. – O despertar dos poderes e das faculdades psíquicas no silêncio. – A procura do silêncio é

necessária ao adepto. – Necessidades do autodomínio. – Importância do silêncio no mecanismo do amor sentimental. – Os apelos silenciosos. – A expansão do Eu superior. – O caminho que conduz aos mais secretos mistérios. – As forças amigas do silêncio.

Capítulo III – A INTUIÇÃO, 73

A faculdade intuitiva existe, em cada um de nós, em estado latente. – Manifestações espontâneas. – Inspiração e pressentimento. – O mecanismo dos fenômenos intuitivos. – A superconsciência. – A dedução inconsciente. – Caracteres da verdadeira intuição na sua forma espontânea. – O desenvolvimento voluntário da superconsciência. – O perigo dos excitantes psíquicos. – Graves perturbações produzidas pelo ópio, o haxixe e a cocaína. – A propósito do “Inglês comedor de ópio” de Thomas de Quincey. – Pelo emprego dos euforísticos, o ser humano torna-se um farrapo, foge da realidade para o domínio mentiroso das miragens. – Diferença entre a visão quimérica do intoxicado e o fato real da intuição. – Curioso exemplo. – Como se pode desenvolver e adquirir a faculdade intuitiva? – É no silêncio amigo que podem despertar as mais altas faculdades que estão em nós. – O segredo das harmonias misteriosas que nos rodeiam. – O quadro encantador da Natureza. – As alegrias superiores do Iniciado. – A direção do trabalho intuitivo. – Os horizontes imensos que se abrem ao pensamento. – A revelação das Forças inteligentes e amigas que nos extasiam de Claridade, de Vida e de Esplendor.

Capítulo I

O PODER EMOCIONAL

O ser humano deve pensar e sentir. Ora, se nos preocupamos em educar o espírito, descuidamos completamente do coração, abandonando-o aos seus impulsos, a todos os erros de uma sensibilidade desregrada.

Aquele que deseja emoções penetrantes, torna-se escravo de seus sentimentos; enfraquece-se pelo fato de as procurar sem domínio; torna-se uma presa fácil ao primeiro sentimento que passa. Há alegrias, certamente, e muito vivas, mas elas correm em direção às piores tormentas. E, muitas vezes, quando vem a desilusão, o sentimental decide refrear os seus impulsos; recusa-se a toda expansão, a toda espontaneidade; fecha-se dentro da cidadela interior; torna-se egoísta, pessoal; assume o que os néscios chamam “caráter”; e, entretanto, a doçura, a amizade, a fraternidade, o devotamento deveriam ser a base de toda a sociedade humana. Recusa-se esta alegria!

É porque se negligencia a educação do coração que há tantos impulsivos que creram amar e que não pensaram senão no seu prazer. Então vêm inevitavelmente a desilusão, o desespero, a neurastenia, as precipitações que conduzem, muitas vezes, ao suicídio. Não é o sentimento em si mesmo que é a causa, é a nossa má educação, a nossa inaptidão a compreendê-lo, a senti-lo, a dirigi-lo, a fazê-lo desdobrar-se.

Se o ser desse a seu espírito e a seu coração as alegrias sãs às quais eles aspiram, as alegrias medidas que não enganam; se se tornasse senhor de seus impulsos, a vida se desenrolaria diante dele como um magnífico panorama.

Mas, para chegar a essa doce quietude, o espírito e o coração têm necessidade de ser vigiados.

E é principalmente o coração, esse jardim onde devem florescer as sensações e os sentimentos mais delicados, que exige maior atenção.

• • •

Mas, como proceder a esta educação do coração?

Podemos apurar e dominar as nossas sensações?

Cada um de nós pode gozar, na sua deliciosa plenitude, as harmonias superiores?

E esses magnetismos que nos enlaçam como um perfume a custo perceptível, que nos emocionam, que nos perturbam, podemos, à nossa vontade, sentir todas as suas potências, fixá-las em nós, aumentar o nosso dinamismo, e graças a esses reservatórios, sem cessar entretidos, podemos tornar-nos um centro de ação?

Certamente, sim. É certo, além disso, que os nossos dois domínios, do espírito e do coração, são solidários.

Tal percepção de um, reage sobre o outro. Tal idéia nos emociona e tal emoção sugere ao nosso espírito mil pensamentos. É indispensável, pois, desenvolver simultaneamente as nossas duas faculdades de pensar e de sentir.

No que concerne ao nosso espírito, vimos que o elemento básico de toda operação mental é a atenção.

É ela que, arrastada, impelida dia a dia a um grau mais elevado, dotar-nos-á de faculdades psíquicas poderosas. Utilizada sob a forma de auto-

sugestão, a atenção é suscetível de modificar toda a nossa personalidade interior. Basta fazer como o artista que representa o seu papel. Queremos ser tal personagem; é preciso imaginar que já o somos. Colocando-se diante do espelho, tomam-se atitudes, fazem-se gestos, pronunciam-se as palavras que caracterizem este personagem em tal ou tal circunstância. Esta procura da atitude dá-nos mais segurança na voz, facilidade nos movimentos, facilidade na palavra. O fato de nos movermos segundo o nosso gosto, diante do espelho, representando o nosso papel, faz-nos tomar hábitos novos.

E, se nos obrigamos a renovar cada dia o nosso esforço, reforçamos sem cessar as nossas qualidades, criamos em nosso espírito o “hábito psíquico”. E este vinco psíquico, uma vez impresso, dispensar-nos-á, no futuro, de um exercício que poderia, com a repetição, parecer tedioso. O papel que, a princípio, apresentara algumas dificuldades quando procurávamos gravar o texto na nossa memória, virá, por si mesmo, sem esforço.

• • •

É uma educação deste gênero que deu tanta força aos Jesuítas.

Cada membro da ordem deve o seu poder pessoal a uma disciplina muito severa que se dirige em conjunto ao espírito e ao coração e que os forma a ambos.

Sem entrar em consideração alguma religiosa, é certo que temos muito a ganhar no nosso desenvolvimento psíquico e sentimental, inspirando-nos nos ensinamentos de Santo Ignácio. Podemos utilizar o método de “treinamento”, aplicando-o a um objetivo inteiramente diferente. O mecanismo é o mesmo.

Os exercícios espirituais de Santo Ignácio tendem a fazer seres que pensam e sentem numa certa forma. Para chegar a esse fim, devem seguir uma regra rigorosamente estabelecida. O fundador da Ordem dos Jesuítas não teve a preocupação de a ocultar, de modo algum. Diz ele, efetivamente:

“Por exercícios espirituais, entendemos certas operações do espírito e do coração, tais como o exame de consciência, a meditação, a contemplação, a prece mental e vocal, empregadas com o fim de desprender a alma de suas afeições desregradas e, por aí, conduzi-la mesmo a conhecer e atrair a vontade de Deus sobre ela.” (*Exercitorium S. Ignatii Annotatio prima.*)

Esses exercícios espirituais, segundo a definição mesma de Santo Ignácio, foram escolhidos “com o fim de conduzir o homem a se vencer, a desprender-se da influência funesta de toda afeição viciosa e, o coração assim liberto, a se traçar o plano de uma vida cristã”.

O exercício do espírito e do coração, tal como é concebido nesse método, deve se praticar na calma e no retiro, de tal modo que nada venha desviar o futuro adepto dos pensamentos e dos sentimentos que devem modelá-lo.

Em todas as iniciações, o conhecimento de si mesmo é o primeiro degrau a galgar. E é sempre indispensável, para proceder, com resultado, a essa análise interior, afastar-se de todo ruído, evitar todo grupo de pessoas.

Nesse ambiente favorável, o adepto começa os seus exercícios.

Eles têm por fim, principalmente, acionar a inteligência e a vontade do homem:

“O entendimento induz a que se procure pelo raciocínio o conhecimento inteiro do assunto que lhe é proposto; a vontade produz diversas inclinações resultantes desse conhecimento adquirido. Nesses atos do coração que se aproxima

de Deus e se entretém com ele, o discípulo deve ter cuidado de não sair nunca do respeito interior e exterior, sob o domínio, principalmente então, da presença da Divindade.” (Terceira anotação de Santo Ignácio.)

Os exercícios espirituais foram divididos por Santo Ignácio em quatro séries ou *semanas*, consagradas cada uma a um trabalho especial de reforma ou a um estudo particular de Jesus.

Mas, cada uma dessas semanas não é, necessariamente, de 7 dias. Cada uma delas não termina senão quando o seu fim é atingido.

Uns vão mais depressa, outros mais lentamente, segundo as suas faculdades e aceitação mais ou menos completa e imediata da regra.

Normalmente, entretanto, o curso completo dos exercícios dura 30 dias. Como número, duração, natureza, esses exercícios são adaptados à idade, à capacidade, à boa vontade do que faz retiro espiritual.

Cada um recebe de seu diretor de consciência um regulamento, uma espécie de horário que determina as horas de levantar-se, de suas refeições, das ocupações do dia. O guia espiritual, se o julga útil, completa essa direção geral por conse-

lhos particulares, modifica a tarefa de cada dia segundo as faculdades particulares de que é o único juiz; observando os desvios dá, de viva voz, encorajamentos e conselhos, segundo os achar oportunos.

A meditação conduz imediatamente, e necessariamente, como o dissemos, ao conhecimento do eu. Se não se estuda, o homem ignora os seus pontos fracos. Quando estes são conhecidos em toda a sua extensão, o estudante deve tomar a determinação de se restringir aos exercícios e “treinamentos” que são de natureza a remediar as fraquezas que acaba de descobrir.

É preciso conhecer-se a fundo para empreender seja o que for, principalmente no domínio do psiquismo. Ganhar-se-á tanto mais, quanto o exame de nós mesmos for feito com maior sinceridade.

Para os homens fortes, generosos, capazes de esforços seguidos e dispondo de seu tempo e de seu futuro, Santo Ignácio prescreve, primeiramente, quatro meditações, de uma hora cada uma, no curso do dia, depois, uma meditação de uma hora à noite. Essas meditações são completadas cada dia por dois exames de consciência, um para o meio-dia, outro antes do sono. Algum descanso

pode ser concedido, se houver necessidade. (Décima oitava anotação de Santo Ignácio.)

Como se vê, a regra é muito rigorosa. Entretanto, é atenuada sensivelmente para aqueles que, apresentando todas as qualidades físicas e morais requeridas, são absorvidos por suas ocupações e não dispõem cada dia senão de uma hora ou de uma hora e meia. Esses adeptos livres devem seguir exercícios que são regulados pelo tempo de que dispõem.

Avançam mais lentamente, porém, o seu desenvolvimento prossegue sempre com ordem e método.

Esses exercícios podem ser feitos em casa, mas é necessário afastar-se de toda causa de distração. Santo Ignácio aconselha àquele que quer seguir o caminho por ele traçado, a deixar, se puder, a sua morada habitual, para se retirar numa casa ou quarto mais solitário.

• • •

Não nos podemos estender aqui mais longamente a respeito dos exercícios em si mesmos.

Afastar-nos-íamos do nosso fim. Apenas ressaltamos a sua importância, como meios de aperfeiçoamento.

As direções dos jesuítas, já o dissemos, procuram desenvolver ao máximo os poderes psíquicos e emocionais de seus adeptos. Para atingir esse fim, desenvolvem a aptidão para a meditação e a contemplação, manejam o julgamento, exaltam a vontade, submetem os sentidos ao domínio muito rigoroso do espírito.

Vinculados à sua disciplina muito rígida, os ensinamentos do jesuíta obtêm uma acuidade de percepção infinitamente maior e mais delicada. Do mesmo modo, a imaginação e a memória adquirem grande extensão. O adepto chega, desse modo, a possuir um poder cerebral e psíquico excepcional.

No que concerne ao coração – e é o ponto que mais nos preocupa nesta parte do nosso trabalho –, o jesuíta deve aprender a sentir, a vibrar, a se comover segundo o que lhe é ordenado. Os exercícios que lhe são impostos são muito numerosos e variam de dia para dia, durante o retiro.

E eis aí, por exemplo, um exercício tomado ao acaso, entre aqueles que têm por objeto a Morte.

É preciso que o jesuíta represente a sua própria pessoa como se entrasse em agonia, dando a essa evocação o mais poderoso realismo.

As instruções que recebe lhe facilitam, aliás, a tarefa.

Efetivamente, está bem especificado que, para sentir intensamente todas as fases dessa agonia, deve ser auxiliado, sucessivamente, pela vista, o ouvido, o gosto e o tato.

Acreditamos útil dar aqui, a título de documentário, todas as precisões de minúcias concernentes a cada um dos sentidos enumerados.

• • •

Aplicação da vista – Primeiramente, o jesuíta deve contemplar o seu quarto, que, pela circunstância, não será iluminado senão por um fraco raio do dia ou pela luz lúgubre de uma lâmpada amortecida, como se vê em um local onde se vela um morto. Deve considerar o seu leito, do qual não sairá mais senão para ser colocado em um esquife, e olhar minuciosamente todos os objetos que o rodeiam e que vai deixar.

Na sua contemplação, todos esses móveis, todas essas piedosas lembranças parecem dizer-lhe: Tu nos deixas, então, e é para a eternidade!

O que faz esse retiro espiritual deve evocar as pessoas que o rodeiam e ver a consternação que transparece no seu rosto.

Os criados, tristes e silenciosos, participam da mágoa de sua família em prantos.

Cada um lhe diz supremos adeuses.

Um ministro da religião ora, ao lado de seu leito, ou o reconforta com piedosos sentimentos.

O jesuíta vê, a si mesmo, estendido sobre o seu leito de dor, angustiado pelas aflições de sua agonia. Imagina perder, pouco a pouco, o uso dos seus sentidos.

Todas as suas faculdades se atenuam. Luta com violência contra a morte que vem arrancar a sua alma para levá-la diante do tribunal de Deus, onde deverá prestar contas das suas ações mais ocultas, de seus pensamentos mais secretos.

Aplicação do ouvido – O jesuíta escuta o ruído monótono do relógio que mede as suas últimas horas e que lhe diz, a cada um dos seus movimentos: Eis-te, em um segundo, mais perto do

Tribunal de Deus. Cada uma das pancadas que escutaste até aqui, com tanta indiferença, mais te afasta da vida que vais deixar.

Outros ruídos se fazem ouvir. A respiração do solitário torna-se mais e mais penosa e um estertor, sinal precursor da agonia, perturba o silêncio doloroso do quarto. Ao redor dele, cada um sufoca os soluços até o momento em que se ouvirão as preces da Igreja recitadas em meio às lágrimas.

Por um momento, o jesuíta imagina o padre pendido para ele prodigalizando-lhe as supremas consolações; a sua voz se enfraquece gradativamente ao seu ouvido, à medida que a vida o abandona.

• • •

Aplicação do gosto – O adepto deve representar ou figurar tudo o que há de amargo na agonia de um moribundo, na sua separação brutal de todos os bens que o retinham neste mundo.

No momento presente, essas amarguras vêm de todos os elos que se quebram, do abandono

de tudo o que o jesuíta amou, da perda definitiva da posição pela qual tanto sacrificou, do desprendimento de todos os seus bens, adquiridos de uma maneira que, no instante supremo, não lhe deve mais parecer tão legal. Experimenta profunda amargura de se separar de seus amigos, de seus parentes, de tudo que lhe é querido, por vezes em detrimento dos próprios deveres reais.

E esse corpo, ao qual ligara tão grande importância, escapará cedo ao seu domínio.

Em um espaço muito próximo, seu despojo se tornará objeto de desespero, depois, de horror.

O jesuíta deve saborear toda a amargura dos sofrimentos físicos, nos aborrecimentos de toda espécie. Deve exaltar a dor das separações, as angústias penosas que se manifestam à última hora. Essa aflição não se deve ainda limitar ao tempo presente. É preciso evocar o passado, reviver no seu espírito as diferentes etapas da vida.

Que pesar constitui a lembrança de uma existência inteira consagrada ao pecado, à infidelidade às graças recebidas sem que tenham encontrado em nosso coração a correspondência necessária! Tantos pecados graves, cujo escândalo teria como conseqüência a perdição de outras almas!

E para o futuro, quantas inquietações! O adepto se esforça em criar na sua imaginação a visão do julgamento que vai sofrer. Lembra-se de todas as suas obras, de seus pensamentos mais furtivos. Ouve a definitiva sentença que dispõe dele por toda a eternidade.

• • •

Aplicação do tato – O jesuíta imagina segurar em suas mãos desfalecidas o crucifixo que o padre aí colocou. Toca o seu próprio corpo que em breve não será mais do que um cadáver.

Como os seus pés já estão gelados! Seus braços, que a doença emagreceu, começam a enrijar-se. Seu peito é penosamente movimentado por uma respiração desigual que em breve vai faltar. Seu coração não bate mais senão com um movimento apenas sensível.

Seu rosto está afilado pela febre e se cobre de um suor frio.

Não é em uma tal condição que o jesuíta viu amigos, parentes, no momento em que expirava? É nesse estado que hão de vê-lo por sua vez, um

dia que não está fixado por ele, porém que está já bem próximo.

Daqui a quanto tempo será ele semelhante a este cadáver que imagina?

Faz hoje, a seu próprio respeito, as reflexões que o seu último dia não deixaria de inspirar àqueles que serão testemunhas desse fim supremo.

Tal é, na sua parte essencial, a contemplação relativa à agonia e que forma a base do segundo exercício sobre a morte. Esse exercício é contemplado por um colóquio que deve fazer o jesuíta com Jesus moribundo.

• • •

Se tomamos este exemplo, entre muitos outros, é para mostrar de que maneira o jesuíta deve exercitar-se a fim de chegar a desenvolver, em si mesmo, uma grande potência emocional. É certo que os exercícios espirituais de Santo Ignácio são particularmente bem estudados e são suscetíveis de dar, tanto ao espírito como ao coração, uma grande força.

O exercício que colocamos sob os olhos dos nossos leitores é relativo; não impelimos ninguém a encarar a sua morte com tão cruel precisão. O jesuíta persegue um fim; desenvolve a sua parte pensante e a sua parte emocional para atingir esse ideal.

O que ele quer é tornar-se, o mais possível, semelhante a Jesus, melhor e mais completamente unir-se a ele. O jesuíta procura desenvolver-se segundo o ideal que lhe dá a sua fé religiosa; mas, cada um de nós pode fazer esse desenvolvimento da parte emocional de um modo menos místico, e adaptando-o aos fatos, às idéias às quais ele se quer conformar.

É certo que temos tudo a ganhar de uma tal educação, porque quanto maior for a nossa qualidade de percepção, melhor penetraremos nos mundos superiores que nos são fechados em razão da imperfeição dos nossos sentidos.

Se os apuramos por um “treinamento” lógico, deixar-nos-emos mais completamente comover por tudo o que é belo; chegamos a uma melhor educação artística.

A arte e a poesia se nos revelarão como nunca teríamos podido imaginar.

Saborearemos, por isso, alegrias superiores, alegrias que fazem unir-se completamente, num mesmo entusiasmo, o espírito e o coração.

O domínio que podemos conquistar assim é imenso.

Contrariamente ao que ensinam os jesuítas, achamos que é de toda necessidade, para cada um de nós, não procurar senão emoções cuja delicadeza envolva toda a nossa pessoa apenas de impressões de prazer.

O grande inimigo do psiquista é a tristeza. Todo pensamento deprimente deve ser impiedosamente rejeitado de nosso espírito.

E devemos neutralizar com outros tantos cuidados todo o sentimento de natureza a fazer nascer em nossa alma qualquer inquietação. Nosso papel é criar, em torno de nós, a alegria e a esperança, mas não podemos fazer nascer esses sentimentos nos outros, se não os possuímos em nós mesmos.

É preciso, pois, esforçarmo-nos por ver em torno de nós tudo o que é belo, alegre, robusto, tudo o que encanta e arrebatava a nossa imaginação, tudo o que reconforta a nossa depressão.

Nessa alegria do mundo, absorveremos for-

ças novas e nos tornaremos aptos a fazer com que outros as experimentem.

Tomemos, pois, o hábito de observar com minúcia tal quadro, tal lugar que nos agrada; façamo-lo reviver diante do olhar de nossa alma; analisemos, do melhor modo possível, a sensação que nos dá e o prazer que nos infunde. Quando, por um esforço da nossa imaginação, o quadro ou o panorama reaparecem diante de nossos olhos com tanta nitidez e relevo, como se aí se achassem na realidade, procuremos animar esse lugar.

Se evocamos diante do nosso espírito grandes árvores, nada mais fácil do que ouvir nos ramos o gorjear dos pássaros que se perseguem e brincam.

Não há necessidade de se entregar a criações gigantescas. O menor recanto tem o seu atrativo; podemos nos deixar entusiasmar, aí, pela calma e pela poesia, tanto quanto diante de lugares os mais grandiosos.

Esse local vos deve ser familiar, de maneira que vos recordeis dele como de um lugar de repouso e de meditação. Mas, antes de tudo, se quereis tirar daí o maior proveito possível para a vossa formação psíquica, encarai-o sempre sob o

seu aspecto mais risonho. Sob essa forma, essa evocação dar-vos-á o máximo de vitalidade, de força, de otimismo.

A presença ideal do local que vos encanta servir-vos-á de sustentáculo e de repouso.

É agindo assim que se vibra cada vez mais.

Desenvolvemo-nos nesse sentido, do mesmo modo que um violinista descobre, à proporção que trabalha, todos os segredos de sua arte. Começou por não tirar de seu violino senão sons discordantes, mas, à medida de seu esforço, tornou-se mais apto, cada dia, a tirar de seu instrumento melodias mais sensíveis e mais completas.

Se é bem dotado e se continua, se não se considera como tendo atingido a perfeição desde que consiga algum talento, chegará a tornar-se um verdadeiro “virtuose”, e dará a todos aqueles que o escutam, a volúpia sagrada da música que os fará comunicar com grandes harmonias superiores.

• • •

Acontece o mesmo para com aquele que procura a iniciação.

A princípio experimenta uma grande alegria em encontrar de novo um lugar encantador; contempla-o; interessa-se por ele como por um espetáculo que o descansa e que o agrada; mas, à medida que a sua sensibilidade se apura, acha novas belezas no lugar que julgava conhecer; suas alegrias, melhor saboreadas, tornam-se mais intensas. Que doçura, que repouso depois da tormenta! A doce canção das folhagens embala o seu coração, adormece a sua mágoa; as cores que o rodeiam são para ele como um sorriso de boas-vindas; a alma desamparada acha-se em paz como um exilado que respira de novo o ar natal.

Aquele que trabalhou, que gastou as suas forças em uma obra útil, as recupera nessa calma, e os eflúvios dos poderes do alto chegam-lhe mais fortes e mais doces no ar puro dos campos e dos cumos, que nas cidades onde o ar está viciado por todas as febres, por todos os desejos, por todas as ambições.

São prazeres que não se descrevem; apenas aqueles que os experimentaram estão em condições de dizer que benefícios estupendos beberam daí!

É preciso abrir o coração a tudo o que é poesia. É preciso acostumar os olhos a ver a graça e a beleza do mundo, a fim de que, nas horas de ex-

periência, de dor ou de cansaço, se possa sentir que há, na existência que nos é permitida, outra coisa além das monstruosidades, das tristezas, dos desgostos, das contrariedades de toda espécie. Não se evitará a amargura, mas as lágrimas do mundo circundante, o êxtase desinteressado da beleza ambiente serão para aquele que sofre um conforto, uma consolação; nessa idéia, absorverá seiva nova, um otimismo que o fará suportar os seus tédios, porque a Natureza maternal lhe dá o exemplo dos ciclos sem cessar renascentes, que trazem o sol após os dias nublados. O iniciado deve sentir, principalmente, experimentar, gozar profundamente todas as fontes de sensação que o rodeiam. O seu papel é auxiliar, sustentar, estender a mão às vontades vacilantes, embalar e curar as mágoas, e ele as compreende infinitamente melhor quando está acostumado a vibrar em uníssono com as suas vibrações.

Sente o mal daquele que chora e, se o seu pensamento bem dirigido lhe permite encontrar palavras que é preciso dizer para reconduzir a paz e a coragem aos mais febris como aos mais abatidos, a sua palavra encherá o coração de emoções sadias, vivificantes, reconfortantes, que darão a força de suportar os maus dias na espera de um ciclo melhor.

Mas é principalmente a faculdade de sentir, adquirida, que lhe permite dar ao seu próprio magnetismo as qualidades que quer fazer experimentar àqueles que delas têm necessidade.

Está ele diante de um ser que sofre, não no seu espírito, mas no seu coração?

É-lhe possível, sem palavras, somente com a sua presença, dar-lhe alegria, vivacidade, arrebatamento; fazer-lhe sentir que a vida é bela; que esse esplendor do mundo que desesperava de tornar a ver, vai ser ainda o seu deslumbramento desde que os seus olhos estejam livres dessa perturbação que lhe traz a cólera, o ódio, o ciúme. Essa alegria e essa doçura se exteriorizam do iniciado como o calor emanado do sol.

Pela manhã, a planta tinha fechado as suas flores e as suas folhas, como um pássaro friorento se recolhe ao ninho, mas, desde que o sol aparece, a flor se expande, estende o seu coração bem aberto aos raios que a vivificam. Do mesmo modo, o ser que sabe tem o poder de comunicar a alegria que criou em si mesmo pela sua vontade, a alegria de que está empolgado e que pode irradiar logo que o queira.

A auto-sugestão que se dá, cria não somente nele o personagem que quer ser, dotado de ale-

gria, de otimismo, de força; não somente o iniciado toma dela essas idéias, mas sente como sentiria aquele que decidiu ser; vive intensamente. Seu poder emocional dá a seu magnetismo uma qualidade particular; é uma espécie de encanto que se expande sobre a pessoa a curar, que a arrebatava com doçura, aquece-a, revitaliza-a, sem que tenha mesmo necessidade de pronunciar uma palavra. É como uma atmosfera de alegria e de sol que penetra no doente.

• • •

Vimos quanto a palavra pode ser útil para conduzir a associação de idéias (conscientes ou inconscientes), mas, aqui, a palavra não está em jogo, é como uma combinação secreta de magnetismo a magnetismo. Para melhor fazer compreender como se pode conseguir uma reeducação sentimental, citaremos um exemplo.

Tomaremos, completando-o, o que já demos em outra obra sobre o pensamento*.

* Ver a obra do mesmo autor, *O Pensamento e sua Ação Psicológica*, publicada nesta biblioteca.

Trata-se de uma pessoa que, em consequência de desgostos de coração, se acha num estado de perturbação dos mais graves. Está prostrada, desamparada; não crê mais na vida; tudo o que ela poderia considerar como esperança de uma alegria, como uma felicidade possível, ruiu em torno dela ou parece dever ruir. Desde então, para que viver? Não é melhor terminar pelo suicídio? Terá ao menos a paz, se não encontra a felicidade.

É urgente arrancar desse cérebro doentio essas funestas idéias. É preciso ornar o espírito do doente de pensamentos sadios e harmoniosos; é preciso restabelecer a sua percepção no seu equilíbrio.

O cérebro exige cuidados; o coração ainda tem mais necessidade deles, talvez.

Em uma pessoa muito sentimental – e são as que sofrem mais –, é mesmo o coração que reclama cuidados os mais urgentes e os mais atentos.

Ora, não basta dar sempre ao espírito pensamentos vivificantes de que tem necessidade, inspirar-lhe uma concepção mais sábia da vida: é preciso também cuidar do coração. Se se descuida deste último ponto, muitas vezes a pessoa assim tratada não se cura senão superficialmente; guarda um vácuo que a torna cruelmente desgraçada.

Seu aspecto exterior é modificado; não é mais questão de suicídio, mas o coração fica ferido.

Os anos passarão. O desamparado, cuja dolorosa inquietação ninguém procurou penetrar, guardará a sua desilusão.

O coração deve ser tratado pelo menos tão delicadamente como o espírito. Para este último, demonstramos os processos a empregar: uma ação sugestiva raciocinada (interessando diretamente a consciência), e uma sugestão indireta (dirigindo-se ao inconsciente).

Demonstramos a necessidade de obter a confiança, de conquistar a amizade daquele que se quer curar, de criar um quadro favorável à ação que se vai produzir: uma doce calma nos vossos gestos, uma autoridade fraternal no olhar e, principalmente, a princípio, palavras muito medidas.

É preciso, tirando partido da sugestão poderosa do silêncio, animar as confidências. É preciso que tudo o que o doente acumulou de ressentimento, de suspeita, de dor, em uma dolorosa experiência, se escoie por entre as suas palavras e as suas lágrimas.

É uma onda nefasta que tomava todo o cérebro, envenenava todo o coração; devemos deixá-la

correr com todas as demonstrações de interesse o mais benevolente, deixá-la correr até que se esgote.

O paciente achar-se-á em breve sob uma impressão de calma reconquistada, de bem-estar, de segurança após a borrasca, no agradável refúgio do porto. De toda a vossa pessoa deve emanar uma promessa de alegria futura, uma certeza de que as experiências são passageiras e que as desilusões são, muitas vezes, a promessa de uma felicidade maior e mais duradoura.

Essa alegria que o doente julgou perdida, deve ser encarada de novo, por ele mesmo, como uma esperança permitida ainda; que ele a reviva diante de vós; que se compenetre profundamente da certeza de que não há desgraça irremediável.

É preciso que a alegria lhe apareça de novo, e isto, mesmo sem palavras, o iniciado pode e deve fazer.

O doente está diante dele, abatido e sem força, despedaçado pelas lutas da vida. A centelha vital está tão profundamente obliterada pelas brumas do desgosto, que parece desaparecida para sempre.

O iniciado quer que a centelha reacenda, que o doente se erga confiante, pronto para as mais felizes esperanças.

Para chegar a esse resultado, é preciso criar em si mesmo uma imagem do ser feliz. Como vimos, o jesuíta esforça-se para realizar, nos seus mais minuciosos detalhes, o momento de sua agonia; assim o iniciado deve viver em si mesmo os sentimentos que experimenta o ser feliz.

Para que um fogão possa comunicar o seu calor àqueles que o rodeiam, é necessário que esteja aceso. Sem isso, não passa de um amontoado de carvão ou de madeira seca. Mas, se o acendeis, irradia, projeta ondas em redor, esquenta, pouco a pouco, progressivamente, todo o ar do aposento.

Quando chegardes de fora, transido de frio, as mãos geladas, sentis o doce calor da casa, mas, isso não vos é suficiente; aproximai-vos da chaminé, apresentai-lhe os vossos pés e vossas mãos que o frio tornou dolorosos e entorpecidos.

• • •

O iniciado, quando o quer, torna-se um verdadeiro foco de vida. Desenvolveu as suas potências emocionais e são elas que lhe permitem criar em si mesmo, à vontade, o estado de alma que lhe é útil para produzir uma ação desejada. Como

o fogão irradia calor, ele irradia força vital; difunde, para aqueles que o rodeiam, flamas de alegria, de otimismo. Também o doente que o procurou para encontrar de novo a saúde e a paz do coração, é docemente invadido por uma atmosfera, como o que vem de fora é docemente tomado pela tepidez e a doçura do lugar. Não pode subtrair-se a essa influência e sua mágoa se apazigua e sua alma agitada repousa.

Poderíamos ficar transidos de frio próximos ao fogão onde as chamas crepitam? Não, não é verdade?

Acontece o mesmo com o ser desamparado que encontra, na presença do iniciado, uma vida nova mais doce e mais pacífica. Sente-se investido de um magnetismo sutil que lhe dá força e esperança.

Não sabe de onde lhe vêm esses eflúvios estranhos. Não vê a ação. Não ouve palavras. E, contudo, o único fato de estar junto de vós já o transformou, dando-lhe forças. Um encanto misterioso o envolve, o penetra.

É-nos impossível insistir aqui sobre esses fatos. O mecanismo foi indicado e isso basta. Haveria perigo em dizer mais. Se tal ação é possível de uma alma a outra alma – e é inegável no que concerne

ao iniciado –, tem-se o direito de temer o caso em que um ser pouco evoluído ou dotado de más intenções se apoderasse de uma força tão poderosa, procurando servir-se dela para dominar sentimentalmente aqueles que tivessem a desgraça de entrar na órbita de sua influência. É uma razão superior que nos obriga a ficar apenas em generalidades.

• • •

O conhecimento dos fenômenos que não podemos fazer entrever aqui, virá pelo estudo. O estudo é indispensável para adquirir a potência emocional. A Natureza é, para aquele que se quer desenvolver nesse sentido, o melhor livro que pode ser oferecido à sua atenção. Os poetas o disseram com essa intuição que faz parte de seu gênio. É Musset dizendo à Musa:

*Viens voir la nature immortelle
Sortir des voiles du sommeil;
Nous allons renâitre avec elle
Au premier rayon du soleil!*

Venha ver a natureza imortal
Surgir dos véus do sono,
Nós vamos renascer com ela
Ao primeiro raio do sol!

E Lamartine, que diz à alma ferida em busca de paz e amor:

*Mais la Nature est là qui t'invite et qui t'aime!
Plonge-toi dans son sein qu'elle t'ouvre toujours.
Quand tout change pour toi, la Nature est la même,
Et le même Soleil se lève sur tes jours.*

Mas a Natureza é que te incita e te ama,
Mergulhando-te em seu seio, que ela te abre sempre
Quando tudo troca por ti, a Natureza é a mesma,
E o mesmo Sol se eleva sobre teus dias.

Poderíamos multiplicar essas citações ao infinito; o que resulta é que aquele que quer espalhar, na Vida, forças contra o mal e a dor, deve amar a Natureza e gozar dos seus divinos espetáculos.

Deve amar o mar em cóleras violentas seguidas de calmas tão grandes que o pensamento se embala ao marulhar das vagas; os bosques tão grandiosos que se fazem, entretanto, tão doces e paternais pelo gorjeio dos ninhos. Ali estão os ensinamentos de todas as forças altruístas e devemos revê-las em pensamentos para delas nos recordarmos sem cessar.

É preciso gostar de passear entre as delicadas harmonias que caem das folhagens e que suspi-

ram na tarde. É aí que a meditação torna-se doce e aproveitável. Abre-se o coração às palavras que o silêncio amigo nos traz; o espírito repousa ao contato dessa Paz imensa. Uma sensibilidade nova se difunde em todos os sentidos; chega-se a sentir e a gozar o que não se teria percebido nunca, senão nessa paz deliciosa. As imagens que deixávamos passar diante de nossos olhos fechados, penetram-nos agora como os símbolos de um pensamento que se comunica ao nosso em uma linguagem mística.

Esse amor, muito vasto para o nosso coração, nem sempre lhe basta. É preciso à nossa ternura um objeto mais tangível. É preciso que a nossa afeição esteja unida à de outro ser. Está em nós procurá-lo, e, tendo-o encontrado, cultivá-lo, conduzi-lo à nossa compreensão da vida. Partilhará a nossa alegria, a nossa serenidade. Mas, para chegarmos a essa obra delicada, é preciso fugir dos arrebatamentos, não confiar o nosso coração senão depois de estudo. Não é senão nessa segurança que poderemos abandonar-nos à doçura da ternura recíproca.

O amor que devemos desejar é o elo do lar e da família. É ele a fonte de verdadeiras alegrias. Antes de se unirem duas existências que se de-

vem desenrolar pacíficas e paralelas, é preciso que uma estima recíproca seja baseada em análogas concepções, que sejam fundidas as harmonias do espírito e do coração.

Ainda existem aqui alegrias egoísticas. Há mais altas e mais belas. São as do altruísmo. É preciso saber auxiliar os outros, derramar o conforto e a doçura sobre todos aqueles que estão sofrendo.

Aquele que encara assim as coisas, acha a vida bela em torno de si. Compreende, experimenta as alegrias do iniciado; sente a felicidade que lhe vem da Natureza; goza, com profunda embriaguez, a paz que transmite aos outros.

• • •

Novel iniciado, sabes agora que a felicidade te pertence se queres dar-te ao trabalho de merecê-la.

Eleva os teus pensamentos, abre o teu coração, saboreia as harmonias eternas.

Eles são a tua força e já a recompensa de teu labor.

Possibilidades infinitas são oferecidas a ti. Reflete. Vê que tesouro de força e de poder está aberto diante do teu desejo. Tu nada farás além de querer, para atingir essas harmonias que te farão viver uma vida que imaginavas a custo quando começaste a subir os primeiros degraus que te conduzem ao Templo. Harmoniza as tuas vibrações às suas; elas te arrebatarão sobre as asas melodiosas, até os mais altos cimos do pensamento.

Possues em ti, como um tesouro oculto, o meio de transmitir a força e a coragem àqueles que se arrastam, desfalecidos, no caminho da vida, da qual não sentiram senão sarças e pedras. Não digas que é sua culpa. Pensa somente que eles sofrem. Prepara-te para a obra que o mundo espera de ti.

Que os teus pensamentos sejam tão altos como devem ser para preencheres a tua elevada missão; que sejam belos, alçados para o infinito. Que os teus sentimentos sejam generosos, altruístas, sempre prestes ao completo devotamento.

És banhado sem cessar por um magnetismo superior. Procura descobri-lo nas vibrações que te rodeiam e, quando o tiveres reconhecido, fixa-o em ti. Ele te animará de uma flama mais ardente que o sol e mais sutil que um perfume.

É a fé que te penetra, a fé que deverás fazer irradiar sobre o mundo para o seu bem e a sua cura; é a Fé que te fará dar, àqueles que choram, a esperança, a alegria, a força, a felicidade.

Que sublime papel será o teu! Tu já o entrevês, mas tens ainda muitas coisas a aprender. Elas não dependem senão de ti. Procura, dia a dia, compreender melhor o que te rodeia. Pensa, sem cessar, nessas forças maravilhosas que animam os seres. Recolhe a Vida para espalhá-la em torno de ti. Semeia o pensamento que faz reviver. Faze germinar nos corações desertos a alegria e a coragem.

Capítulo II

O SILÊNCIO

Hermes, em seu sermão secreto a seu filho Tat, no momento de lhe conferir a última Iniciação, lhe diz: “A Sabedoria ideal está no Silêncio.”

Nenhuma palavra é mais verdadeira. A Verdadeira Sabedoria está na comunhão do pensamento humano com os eflúvios que lhe chegam dos poderes superiores, e esses eflúvios, as palavras divinas perceptíveis ao entendimento único, ou ao sentimento mais elevado, não podem ser percebidos senão no recolhimento.

É o que todas as iniciações são unânimes em proclamar.

É por isso que vemos o Buda meditando em atitude de recolhimento, que a misteriosa Ísis se apresenta com um dedo sobre os lábios fechados, convidando o sábio ao silêncio que atrai as revelações.

É somente no silêncio que o ser se analisa a fundo.

Maeterlinck o exprime com poesia: “As abelhas não trabalham senão na obscuridade; o pensamento não trabalha senão no silêncio e a virtude no segredo.”

É somente no silêncio que o ser humano tem verdadeiramente consciência das suas forças latentes e das que o envolvem no ambiente. É na paz do pensamento, quando nada de exterior vem perturbar a sua meditação, que sente nascer e se expandir em novas faculdades. Seu coração deve sentir-se em uma calma absoluta, não somente no silêncio exterior, mas no arrefecimento das paixões; deve sentir-se livre do seu tumulto devastador, para perceber as harmonias que descem do Infinito e o penetram, deslizando-se como uma melodia suave.

O espírito, desprendido das agitações, só pode atingir as regiões serenas quando tiver consciência de sua missão, de seu lugar no Universo.

Ninguém pode chegar aos cumes iniciáticos se não aprecia, não procura como uma satisfação pessoal, a calma absoluta: a calma interior de todo o seu ser, o domínio perfeito das paixões e dos

impulsos e também a calma exterior que não se poderia encontrar senão na paz do lar, ou melhor ainda, na serenidade deliciosa da Natureza.

• • •

Antes de tudo, é preciso estabelecer a calma em si mesmo.

Todos os desejos, paixões, impulsos, arrebatamentos devem ser submetidos ao domínio perfeito da razão. É no repouso do pensamento – que a calma dos sentidos deve preceder – que as grandes vozes se fazem ouvir.

Stanislau de Guaita o diz àquele que procura os segredos iniciáticos: “Se tu aspiras a vir a ser um Adepto, impõe ao Eu o mais rigoroso silêncio.”

Uma calma soberana deve reinar na nossa pessoa física, e devemos obter também a calma absoluta do nosso campo mental e do nosso domínio emocional. Nenhuma vibração violenta e inesperada deve perturbar a nossa comunhão com a Divindade; nada da nossa pessoa deve escapar a essa calma necessária; é a última etapa no caminho iniciático.

É no silêncio, na paz do coração, no repouso do espírito que o ser se revela a si mesmo. A ação nos faz conhecer as possibilidades e os limites de nossas forças, -mas não as revela para nós. A noção de nossa força real nos vem principalmente nos momentos de repouso. É no período de calma momentânea, de silêncio meditativo em que recordamos a ação feita, em que preparamos a ação a fazer, que vivemos mais poderosamente. Maeterlinck disse com muita exatidão: "O silêncio é o elemento no qual se formam as grandes coisas para que em seguida possam emergir, perfeitas e majestosas, à luz da vida que elas vão dominar." (*Tesouro dos humildes.*)



O silêncio é principalmente importante para o despertar dos nossos poderes psíquicos. Como poderíamos praticar a concentração do pensamento, cristalizar o nosso desejo na dissipação interior, do tumulto exterior? É o que descreveu muito judiciosamente Rudolph Steiner: "A força que dá origem à calma interior é uma potência mágica que nos transmite certos poderes ocultos." Essa transmissão dos poderes ocultos não pode dar-se senão no mais profundo recolhimento.

Como, por exemplo, acolheríamos as imagens que nos são transmitidas, as fugazes intuições, senão na paz interior e no silêncio exterior?

O ruído é para todas as manifestações psíquicas um poderoso dissolvente.

Nossas faculdades mais altas, inspiração, intuição, não podem aparecer senão no silêncio. Ser-nos-ia impossível escrever uma página qualquer por mais simples, escolher palavras necessárias à expressão de nossos pensamentos, senão na calma do gabinete de trabalho.

Com mais forte razão não poderemos, fora da calma exterior, atingir ao fenômeno psíquico.

É no silêncio que desenvolvemos as nossas faculdades mais elevadas, que lhes podemos fazer adquirir o seu mais alto grau de aperfeiçoamento.

No silêncio, percebemos nuances delicadas de tom, de cor, de pensamento, que fogem no alvoroço, na preocupação; no silêncio o espírito se expande e se sutaliza.

Parece ao adepto, quando se coloca num quadro favorável, em paz absoluta, que, segundo o seu desejo, o seu espírito, isento das contingências habituais, se dilata, se eleva, haure, enfim,

forças vivas que a mão distraída da multidão não é capaz de atingir.

Uma onda de luz, descida do alto, transborda o seu coração. As últimas sombras se dissipam diante da claridade penetrante e deliciosa. Desse impulso prometedo e pacífico para os horizontes infinitos, o espírito livre desce com noções desconhecidas que o enriquecem e o fortificam.

Em um instante, descobriu coisas nas quais nem pensava.

São idéias novas. Desce ainda sob esse encanto mágico, fortificado pelo fato de se haver abeberado na fonte de todo conhecimento e de toda alegria. Seu espírito encontrou novas certezas que mantêm a sua confiança; seu coração saboreou as alegrias profundas nas quais se desalteram e se fortificam o sentimento e a fé. A força vital dos universos, mais alta que a atmosfera pesada, o reconfortou e o ampara; ele pode distribuí-la, por sua vez.

Nos momentos de solidão, de meditação, de recolhimento, o ser pode abandonar voluntariamente o seu corpo em um repouso pacífico. Não é a doce preguiça que embala o espírito nesse instante; ao contrário, todo o ser se locupleta de energias novas. Ele sabe que pode agir, sente que

as suas possibilidades se multiplicaram e se dobraram, mas, antes de dar o sinal da ação, haurir poderes novos do ambiente.

O silêncio interior, que nos é tão indispensável, é mais fácil adquirir quando o quadro exterior a isso se presta.

As dores do místico acalmam-se na Igreja à meia claridade e toda perfumada de incenso. Em uma atmosfera sagrada, projeta o seu coração em arrebatamentos poderosos.

Do mesmo modo, o adepto acha o conforto na calma da Natureza, no silêncio delicioso que cai das folhagens.

Através de todos esses murmúrios confusos, goza das alegrias mais puras; abre o seu espírito e o seu coração, deliciosamente, às harmonias do Infinito.

• • •

Essa procura do silêncio é necessária ao adepto. Mas seria um erro acreditar que esses períodos de calma e de repouso têm por fim afastar dele o impulso generoso que o conduziria para a ação. O esforço e o repouso são dois tempos

igualmente necessários da manifestação de nossas energias.

Ambos são indispensáveis.

Todos os nossos órgãos são dotados desse mesmo ritmo; eles se contraem e se distendem; trabalham e repousam. Por outro lado, o espírito e o coração têm a mesma necessidade de paz e de calma. Um trabalho constante esgotaria prontamente o trabalhador mais corajoso; os casos de esgotamento tão cruéis e tão deprimentes são disso a prova evidente.

Nosso espírito é capaz de esforços, de concentração, de uma aplicação sustentada, mas esse esforço não pode ser continuado indefinidamente.

Depois de um tempo variável, segundo a resistência de cada um, tem necessidade de repouso, de distração. Esta distração pode ser mudança de trabalho, mas é a mesma coisa, um entretenimento. Seria preciso, para o nosso benefício, que pudéssemos derivar o nosso espírito, tenso e fatigado, para idéias mais alegres que nos predisponham a um sono feliz.

A nossa parte emocional tem, também ela, necessidade de se modelar nesse ritmo binário.

Não nos é possível ficar muito tempo sob uma mesma emoção, sob uma atração violenta com igual fervor. Depois de um período de perturbação, um repouso se produz necessariamente.

Esse repouso do coração e do espírito, podemos encontrá-lo no seio da Natureza. É aí que encontraremos a paz e a força nos são e vivificantes eflúvios que se irradiam, para nós, da terra e do ar, das vagas e dos bosques.

Sob a sua deliciosa influência, todas as nossas preocupações se dissipam. Sentimo-nos próximo das forças naturais e delas recebemos as energias reparadoras que nos prodigalizam, para o trabalho do futuro, uma sensibilidade mais viva e mais aguda, um poder de pensamento ao qual não podíamos pretender. Quando voltamos, vemos a vida mais bela e mais fácil, experimentamos a alegria de viver; o otimismo que nasce das forças recuperadas nos envolve em todos os sentidos.

O trabalho e o repouso não são, aliás, necessidades penosas; os dois têm seu encanto.

O trabalho nos dá a alegria robusta de criar, de realizar, de imitar a laboriosa Natureza.

O repouso que sucede ao esforço nos dá, com a consciência feliz do dever cumprido, uma

agradável languidez, uma percepção delicada da vida que nos rodeia, uma alegria mais intensa para gozá-la quando sentimos havê-lo merecido.

É preciso saber ser ativo. O repouso será mais apreciado. A inação, que parece tão agradável ao preguiçoso, é uma forma da morte; conduz ao cansaço, tão prontamente quanto o trabalho excessivo; dá a saciedade dos prazeres e o desgosto da vida; acabrunha-nos de sombrios pensamentos.

É preciso aprendermos a repousar, a nos deixarmos ganhar pelo silêncio e pela paz. Um repouso material, invadido de pensamentos inquietos, é uma forma de trabalho.

É preciso deixar o silêncio envolver docemente a nossa pessoa: corpo, espírito, coração. É assim que encontraremos horas deliciosas que nos esperam, porque esse repouso não é inútil se sabemos, nos momentos propícios, nos tornar voluntariamente, profundamente silenciosos.



Antes de pensar obter o perfeito domínio do nosso espírito e de nosso coração, antes de lhe impor esse aproveitável silêncio, comecemos

pelo mais fácil, que não é o menos indispensável; imponhamos silêncio ao nosso corpo.

Para obter o repouso preciso, impõe-se a necessidade de dominar todos os ímpetos, tudo que parece indispensável, todo desejo imperioso, como o dos sentidos. Se penetramos no caminho da Iniciação, não devemos ser escravos e sim, senhores do corpo. Não é somente nos casos excepcionais, como nos que se referem aos intoxicados: eterômanos, morfinômanos, etc., que é necessário retomar posse de si mesmo. É na conduta da vida que é preciso libertar-se de todo impulso interior, por menor que seja: gulodices, desejo irresistível de fumar, necessidade de café ou de outros excitantes. Nem sempre são faltas graves, porém, são impulsos e todo arrojado irracional é um inimigo da liberdade. O homem deve dominar-se. Não deve ceder à necessidade interior, a menos que lhe não seja permitida senão com objetivo bem definido. Não devemos tolerar em nós mesmos nenhuma fraqueza, por mínima que nos pareça. Se queremos que a usina humana tenha o mais perfeito rendimento, todo o ser deve ser submetido, até nos mais insignificantes atos, ao seu diretor, que é a consciência. Nenhuma desobediência deveria ser permitida; o governo de um só é a condição ex-

pressa de todo funcionamento harmonioso. Certamente, é preciso que a autoridade do espírito sobre o coração e sobre o corpo seja doce e compreensiva, porém, é preciso que essa autoridade exista e não seja nunca discutida.

Importa também dominar todo medo, todo temor, toda cólera, toda impaciência, toda impulsividade, qualquer que seja. É necessário libertar o seu espírito da ansiedade e da dúvida, ter a sensação nítida de que coisa alguma no mundo poderia entravar o impulso judicioso de nossa vontade. Certamente, aí está, para muitos, um trabalho importante, algumas vezes difícil; trabalho que exige muita perseverança. Mas, não vai além das nossas forças. É bastante compreendermos a necessidade de nosso aperfeiçoamento. Indicamos no nosso *Curso de Magnetismo Pessoal* os melhores processos para nos tornarmos senhores de nós mesmos. É necessário nos submetermos a uma disciplina geral, praticar a auto-sugestão, educar os nossos gestos, o olhar especialmente, que devemos considerar como tal, e um dos mais significativos. O isolamento também é necessário de maneira a obtermos, à vontade, o repouso de nosso espírito. É empregando todos os meios, harmoniosamente combinados segundo as necessidades de cada um, que, com perseverança, chegaremos a

vencer os nossos impulsos, a impor silêncio ao nosso corpo tanto quanto ao nosso coração e ao nosso espírito. É assim que nos tornaremos senhores de nós mesmos, que adquiriremos a noção da força calma, do equilíbrio soberano.

Este estudo é indispensável. O adepto não se pode formar sem isso.

É igualmente no silêncio que a parte emocional de nosso ser se desenvolve e se expande.

Nossos sentidos adquirirão, graças a ele, uma acuidade que não encontrariam fora de seu pacífico domínio. No ruído e na tormenta, as sensações delicadas passam despercebidas perto de nós. Mas, no silêncio, as cambiantes mais fugitivas nos comovem, nos fazem vibrar.



Vejamos qual é a importância do silêncio no mecanismo do amor sentimental.

Uma voz nos emociona tanto mais quanto a escutamos em silêncio. Muitas vezes o nosso ser é tocado de leve por uma pessoa que passa, silenciosa, misteriosa, e só pelo fato de vê-la no silêncio, nos impressionamos em súbita emoção.

Essa emoção nos invade; sugere em nós imagens encantadoras; afeta-nos em nossos sentimentos mais íntimos e em nossos pensamentos mais profundos.

E, contudo, nada foi dito; nem uma palavra foi pronunciada. Um magnetismo imperioso e sutil exalou-se desse ser que não conhecemos e que, por um fenômeno de simpatia, por uma afinidade secreta, toda a nossa pessoa emocionou-se por sua causa.

Mais tarde, quando estabelecemos conhecimento, um olhar, uma doce pressão de mão, sem palavra, sem entusiasmo, nos perturbam até o fundo da alma.

O silêncio fala mais deliciosamente do que a voz.

Depois das promessas feitas, muitas vezes sem palavras precisas, que há de mais singular, de mais perturbador do que o beijo silencioso dado em uma emoção que nenhuma palavra poderia descrever?

Maeterlinck, cuja alma de poeta tão poderosamente apanhou todas essas cambiantes delicadas, assim se exprime quanto ao silêncio no amor:

“Para saber o que existe realmente, é preciso cultivar o silêncio entre ambos, porque não é senão no silêncio que se entreabrem um instante as flores inesperadas e eternas, que mudam de forma e de cor, segundo a alma ao lado da qual nos encontramos. As almas se pesam no silêncio, como o ouro e a prata se pesam na água pura, e as palavras que pronunciamos não têm sentido senão graças ao silêncio em que se imergem.

Se eu digo a alguém que o amo, não compreenderá o que tenho dito a mil outras pessoas, talvez; mas, o silêncio que vier depois, se o amo efetivamente, mostrará até onde mergulharam hoje as raízes dessa palavra e fará nascer uma certeza silenciosa por sua vez, e esse silêncio e essa certeza não serão duas vezes os mesmos em uma vida...

Não é o silêncio que determina e fixa o sabor do amor? Se fosse privado do silêncio, o amor não teria nem gosto nem perfumes eternos. Quem de nós não conheceu esses minutos mudos que separam os lábios para unir as almas? É preciso procurá-los sem cessar. Não há silêncio mais dócil do que o silêncio do amor: verdadeiramente o único que é exclusivamente nosso. Os outros grandes silêncios, os da morte, da dor ou do des-

tino, não nos pertencem. Eles vêm para nós, do fundo dos acontecimentos, à hora que escolheram, e os que eles não encontraram não têm censuras a fazer. Mas, podemos sair ao encontro dos silêncios do amor. Esperam eles noite e dia no limiar de nossa porta e são tão belos quanto os seus irmãos. Graças a eles, aqueles que quase não choraram podem viver com as almas, tão intimamente como aqueles que foram muito desgraçados; e é por isso que aqueles que muito amaram conhecem também segredos que outros não sabem; pois há, no que calam os lábios da amizade e do amor profundos e verdadeiros, milhares e milhares de coisas que outros lábios não poderão dizer nunca.” (*Tesouro dos humildes*.)

O silêncio, mais embriagador que todas as músicas, quando é assim o meio de exprimir uma combinação profunda e secreta, é a atmosfera mais propícia à expansão do amor sentimental.

Acolhe e preserva os pudores mais íntimos. Um olhar, um suspiro insensível bastam àqueles que fremem profundamente pelo único fato de se acharem um perto do outro. Parece, àqueles que se amam verdadeiramente, que as palavras serviriam demais, que são brutais e ruidosas, que profanariam um sentimento muito puro para ser lan-

çado no molde das palavras, muito real para que o próprio ar receba delas a confiança.

De que serviriam as palavras? Para banalizar o inefável.

Para fazer vibrar dois seres nas mesmas emoções basta o silêncio.



Não é somente o nosso ser emocional que se desenvolve no silêncio, como as flores da noite que se fecham de dia e não entregam todo o seu perfume senão às brisas silenciosas. É também essa parte de nós mesmos, intermediária entre o coração e o espírito, que é nosso pensamento religioso.

As grandes dores são mudas como os grandes amores.

As mãos da dor exprimem silenciosamente, da alma mortificada, os sentimentos mais puros. O místico não tem necessidade de gritos e de transportes para pôr diante de Deus a sua alma prosternada. Sua fé expandiu-se no silêncio como na Igreja, recolhidos, se expande o doce perfume do turíbulo; sua alma segue esse impulso e o

transporta para as regiões superiores onde comunicará com a claridade suprema, com as forças infinitas.

• • •

A prece nos conduz a esses Exercícios Espirituais de Santo Ignácio, que formaram tantas almas para a ação tanto quanto para a prece; que lhes deram ao mesmo tempo o ardor ativo e a força sentimental, por meio de métodos jamais excedidos, de exercícios voluntários e de domínio do eu.

Tomemos, por exemplo, o que foi dito do recolhimento do espírito no exercício preparatório do retiro:

“A voz de Deus não se faz ouvir senão no silêncio e no repouso da alma. É verdade que, vinda do fundo do coração, essa voz de Deus é poderosa como a tempestade e retumbante como o trovão... mas antes de chegar ao coração, essa voz é fraca como um sopro ligeiro que apenas agita os ares... Teme o ruído e cala no movimento.”

Aqui o livro de direção mística confirma o que dissemos relativamente às forças superiores. Não podemos percebê-las senão no silêncio, na paz e na meditação.

O R. P. de Ravignan, um dos mais fervorosos continuadores da obra educativa de Ignácio de Loyola, fala assim nos Comentários que acrescenta aos Exercícios Espirituais.

“A lei que preside a tudo no curso dos exercícios, é a bela lei da solidão e do silêncio; deve ser sempre religiosamente guardada: a solidão e o silêncio, essas duas grandes coisas que tocam tão de perto a Deus, que parecem dar-nos qualquer idéia da própria natureza divina, e mergulhar-nos antes na sua imensidade para aí retemperarmos as nossas almas debilitadas! A solidão é a pátria dos fortes e o silêncio é a sua prece! Ali Deus fala e age neles; inicia-os nos desígnios generosos, nas empresas enérgicas.”

É no silêncio, na solidão, na meditação que o espírito se desprende verdadeiramente e abre as suas asas.

É no silêncio, na solidão e na meditação que o espírito se eleva e atinge as regiões onde vivem, em radiosas harmonias, as correntes nas quais haurimos as energias que nos faltam para empreender o que resolvemos.

É no silêncio, na solidão e na meditação que a nossa intuição, afinada e aberta pelo esforço empregado, sentirá descer do alto as pala-

bras que nos iluminam, que nos revelam a nós mesmos, que nos desvendam a imensidade que nos rodeia.

Nessa paz voluntária, o gênio do artista, a inspiração do poeta, a visão do profeta se desenvolvem com o impulso e o ardor das águias ébrias de sol.

Onde poderiam beber o que devem dar ao mundo, senão nessas fontes vivas que jorram secretamente no jardim fechado do silêncio? Lá somente, o Espírito se desvenda, e lá, somente, nosso espírito comunga com ele. Nenhum ser pode evolucionar, compreender o fim da vida, subir para o templo da Verdade sem o apoio do silêncio inspirador. É o que formula M. Albert Caillet na *Science de la vie*:

“Ficar tranqüilo é relativamente fácil, impor silêncio às paixões brutais, ainda passa, mas *suprimir o pensamento!* Afastar o curso da Ideação! A tarefa é mais árdua e, entretanto, *é preciso cumpri-la*, porque tudo logo se levantará em nós como um sol resplandecente...

Isolando-se, mergulhando-se, como numa atmosfera mais calma e mais poderosa no silêncio e na paz, o iniciado desenvolve em si uma personalidade nova, uma espécie de Eu superior.

Ganha, por esse fato, faculdades que parecem miraculosas àquele que não quis ou não soube pedir a uma *ascese* apropriada para lhe dar uma comunhão íntima com as potências supremas.

É nesse ar novo que ele vive, que cria e faz abrir em si possibilidades novas, essas intuições que o conduzem, mais seguramente do que a razão habitual, à fonte eterna da Vida.

M. Rudolph Steiner exprime-se assim, a respeito da iniciação:

“No homem, o *Eu* superior está em constante evolução, mas é somente pela calma e segurança que se pode assegurar a essa evolução uma regularidade normal.

Os redemoinhos da vida exterior viriam de todas as partes recalcar o ser interior se o homem se deixasse dominar por essa vida, em lugar de a dominar ele mesmo.

Acontece com ele como com uma planta que deve brotar das fendas de um rochedo; ela define-se se não lhe dão espaço. Ora, não há forças exteriores que possam dar espaço ao *eu* interior; só a calma interior que ele cria na sua alma pode produzir esse efeito. As circunstâncias exteriores não podem modificar senão a sua situação relati-

va ao mundo exterior; nunca poderiam despertar o homem espiritual. É em si mesmo e por si mesmo que o discípulo deve engendrar um ser novo e mais elevado.

“Esse homem superior torna-se, com o andar do tempo, o soberano que, com a mão segura, dirige a conduta do homem exterior.”



Essa concepção do silêncio, fomentador das mais altas e das mais puras energias, também está, já o vimos, na base das iniciações antigas, e encontramos-la em *Pimandro*, onde sobrevive o traço da iniciação da Alexandria, que se apresenta igual a si mesma, em todas as iniciações que a bacia do Mediterrâneo viu florescer sob diversos nomes.

Hermes disse a Tat, seu filho e seu discípulo que ele dirige para a luz:

“Os olhos de nossa inteligência não podem contemplar ainda a beleza incorruptível e incompreensível do bem. Vê-la-ás quando não tiveres nada que dizer dela; porque a Gnose, a contemplação, é o silêncio e o repouso de toda sensação. Aquele que aí chegou não pode mais pensar em

outra coisa, nem olhar nada, nem ouvir falar nada, nem mesmo mover o seu corpo. Não existe mais, para ele, a sensação corporal nem movimento; o esplendor que inunda todo o seu pensamento e toda a sua alma arranca-o dos laços do corpo e o transforma inteiramente na essência de Deus. A alma humana chega à apoteose quando contemplou a beleza do bem.”

Stanislau de Guaita, no *Au Seuil du Mystère*, dirige-se àquele que quer tornar-se adepto e lhe dá assim instruções análogas, porque a verdade é uma:

“Se aspiras a ser um Adepto, evoca o Revelador que fala dentro de teu ser: impõe ao Eu o mais religioso silêncio, para que o Eu se possa fazer ouvir – e então, mergulhando no mais profundo de tua inteligência, escuta falar o Universo, o Impessoal, o que os gnósticos chamam o Abismo...

“Mas é preciso estar preparado — e é o papel do Iniciado humano vigiar essa preparação –, sem o que o Abismo não tem senão uma voz para aquele que o evoca imprudentemente, voz terrível e que se chama Vertigem.

“Em resumo, é este um grande e sublime Arcano: *Ninguém pode perfazer a sua iniciação*

senão pela revelação direta do Espírito universal, coletivo, que é a Voz que fala no interior.”

Aquele que quer iniciar-se, seguir o caminho que conduz aos mais secretos mistérios, deve amar o silêncio. É neste elemento que as vozes lhe falarão, as vozes que preparam o futuro adepto à revelação integral. É no silêncio que o espírito pode revelar-se a si mesmo.

Longe de imaginar que o silêncio nos possa ser prejudicial, que deva criar em nós um estado de torpor físico, mental ou emocional, que possa adormecer no nosso ser os poderes que aí estão incluídos, devemos ter a certeza contrária.

Vimos que o silêncio é o meio mais propício à ascensão da inteligência e do sentimento para a Luz; é também no silêncio que o iniciado, quando transpôs as portas, pode galgar cumes para haurir forças mais ativas, para pedir às correntes superiores o desenvolvimento de suas mais altas faculdades.

O silêncio tem a sua grandeza, pela comunhão em que nos põe em contato com as energias cósmicas; é também cheio de encanto. As forças que se canalizam nele são doces e penetrantes. Seu vôo não é brusco e violento. Suas grandes asas nos embalam como vagas apaziguadas.

Entretanto, a sua agradável doçura não é a moleza ou a indolência. Ao contrário. Arrebatando-se às regiões serenas, elas nos dotam de energias novas, superiores em qualidades e em intensidade àquelas que estamos habituados a sentir.

As forças que o silêncio nos permitiu haurir na pura atmosfera onde nos fez penetrar, decuplicam o esforço futuro. O iniciado mergulha no silêncio como Anteo tocava a Terra, para se revivificar, fortifica-se ao contato sempre eficaz do seio maternal.

• • •

As forças amigas do silêncio estão por toda parte em torno de nós. Elas têm um encanto esquisito. Quando o silêncio penetrou em tudo, elas vêm a nós como vozes misteriosas que se fariam ouvir sem palavras; penetram-nos como olhares.

Essas forças amigas do silêncio nos banham com suas poderosas harmonias; elas nos perturbam, nos emocionam como o mais suave perfume; elas nos encantam pela sua delicada pressão. Sob a sua possante magia, o nosso espírito e o nosso coração se acalmam.

Se eles caem sobre os nossos sentidos, eis-nos transportados a um mundo de delícias. Nada

vem perturbar a nossa doce quietude. E, contudo, nesse apaziguar, nesse sono que nos rodeia, que atividade possante! É uma vida mais bela, superior à vida ruidosa que nos fere em outros momentos.

As pulsações da vida tornam-se doces murmúrios.

A menor palpitação nos parece uma voz amiga.

Se quereis estudar a linguagem secreta da Natureza, colocai-vos em um lugar isolado do vosso recanto, assentado em uma poltrona confortável ou estendido sobre um sofá, lá onde muitas vezes gostais de vos recolher.

Quando não tiverdes chegado ainda à posse de vós mesmos, achareis nesse repouso e nessa atitude devaneios falazes, porém cheios de encanto, que vos embalam como um semi-sono. Eram as forças amigas do silêncio que vos davam esses doces sonhos, que, no apaziguamento propício do ambiente e da hora, vos embalavam nas mais doces esperanças, que conduzem a vossa alma, depois dos duros trabalhos e das longas preocupações, a esses minutos de repouso e de conforto, em que a vida parece fazer-se mais clemente e mais doce.

Agora, a calma que vos penetra vos emociona profundamente. E na natureza acalmada, às horas da tarde particularmente, quando o silêncio vos rodeia — um silêncio ritmado por mil ruídos ligeiros e cantantes —, sentis com alegria que essas forças lá estão em torno de vós, no ambiente, que as respirais com tanta alegria vivaz quanto o ar áspero e doce das alturas.

São essas forças que, no grande silêncio dos bosques, quando as folhas se agitam com doçura sob uma brisa insensível, vos murmuram palavras eternas que vos invadem, vos cumulam de uma potência sobre-humana, vos fazem sentir até ao fundo de vós mesmos essas energias da terra, esse magnetismo universal que deveis canalizar para curar e confortar os outros.

Esse ligeiro ruído das folhas que ouvistes outrora distraidamente, e que não tocava o espírito ocupado de vãs imagens, acumula-se presentemente de palavras que deveis ouvir e o vosso coração vibra ao escutá-las. O murmúrio das fontes vos fala da vida que foge mais rapidamente que elas, da vida que deveis difundir, como fazem elas, às secretas raízes dos seres que apelam para a sua vivificante frescura.

Sentis, assim, Forças que vivem, que palpitam como o coração da floresta. Parece-vos, a essa

hora, que elas vos aparecerão sob a encantadora figura das Ninfas e das Fadas, mas, essas fugitivas visões não são, por si mesmas, senão imagens das forças que devemos possuir. Não é a pequena fada, dançarina na sombra verde, que deveis ver sob os bosques; é a grande Viviana, aquela que sabe os segredos e se serve deles para preparar para a luta a criança adotada por ela, que virá a ser o cavaleiro, defensor do direito e dos fracos.

São as Forças amigas do Silêncio que percebeis dançar na praia com o murmúrio das vagas, quando a sua espuma desliza sobre a areia ou se projeta para o céu. O ar iodado as conduz materialmente aos vossos pulmões, mas essa força material não é senão uma repercussão, apenas sensível, daquilo que é verdadeiramente; as Forças amigas do Silêncio vêm de mais alto.

Elas estão por toda parte na Natureza, essas Forças amigas.

Sugerem-nos o amor. São elas que embriagam o poeta; que lhe fazem encontrar esses ritmos e essas palavras que traduzem os Sentimentos absolutos, as Verdades sublimes que não tocariam o coração da Humanidade, se não estivessem revestidas de um véu de ouro. São Forças inteligentes; são elas que vagam na tarde doce e

calma, que nos tocam de leve com uma languidez singular e nos olham pelos olhos dourados das estrelas.

Ninguém as percebe, senão o iniciado e o poeta que guia um sentido superior.

Para eles, elas se revelam; dizem palavras que o ouvido não pode ouvir; fazem ver, sob as dores da vida, as alegrias do Bem cumprido, do Ritmo aceito de boa vontade, dos Ciclos sempre renascentes que vão da Luz à Sombra e da Sombra à Luz, e não nos trazem senão a claridade estonteante e a doçura materna.

Capítulo III

A INTUIÇÃO

A intuição é uma faculdade estranha que nos permite receber a revelação direta e espontânea de fatos; não há necessidade, por esse conhecimento, de apelar para as faculdades habituais de nosso espírito; a noção salta por si mesma, sem que a pessoa intuitiva utilize a razão.

Essa faculdade existe em cada um de nós em estado latente, mas, entre alguns seres, particularmente dotados, ela toma uma extensão quase prodigiosa.

As idéias vêm diretamente ao pensamento sem nenhum esforço, sem nenhuma pesquisa preliminar; elas sobrevivem de maneira imprevista, sem que o receptivo tenha a menor consciência do mecanismo do fenômeno. Mas, essas intuições não são necessariamente fortuitas. É possível, em certas condições, obtê-las à vontade.

E alguém, que se acredita pouco favorecido a

esse respeito, pode esperar, um dia ou outro, obter algumas manifestações intuitivas que se renovarão tanto melhor quanto se colocar o receptivo em condições psíquicas favoráveis à sua eclosão.

• • •

Entre as manifestações espontâneas, citaremos os fenômenos de inspiração e, em certa medida, o gênio artístico que, em certos casos, como vamos ver, deu (mui raramente) obras terminadas, sem intervenção consciente do artista.

Muito mais freqüentes são os fenômenos de presciência; trata-se de percepção de fatos e de sensações que se produzem fora de todas as possibilidades normais por intermédio dos nossos sentidos. Essas presciências manifestam-se, principalmente, no curso dos sonhos chamados premonitórios, e que fazem o paciente assistir, por vezes com muita antecedência, a fatos que acontecerão mais tarde, quer os veja na forma exata com a qual se revestirão, quer tenha deles a noção sob uma forma simbólica.

Esses fenômenos de presciência podem ser provados voluntariamente. O sono magnético per-

mite precisamente o desenvolvimento das faculdades de lucidez e de previsão do futuro entre os pacientes sensitivos.

Questão completa, que abordamos já no nosso *Curso de Magnetismo Pessoal*, indicando a técnica operatória. Mas, o sono magnético, se é útil em muitos casos ao desenvolvimento da faculdade intuitiva, não é, entretanto, indispensável. E muitos pacientes podem, em um estado que tem todas as aparências de vigília, ser a sede de manifestações lúcidas. Basta isolar-se das contingências exteriores, concentrar-se docemente.

Um simples esforço da vontade é suficiente.

Em outros casos, os intuitivos têm recorrido a um objeto que impede o seu espírito de se distrair. Bola de cristal, espelho, tarô, clara de ovo, berra de café, alfinetes, ossinhos, linhas da mão... pouco importa, cada objeto não tem nenhuma virtude adivinhatória particular. É um simples suporte para a atenção do paciente.

É fora de dúvida que o paciente intuitivo percebe fatos longínquos, que tem conhecimento dos acontecimentos que sobrevirão. E isso, fora do limite em que podem ser exercidas as suas faculdades habituais.

Vê no espaço e no tempo. Para ele, são realidades. Por mais extraordinários que sejam, esses fatos não são menos reais e poderíamos consagrar-lhes longas páginas.

Como diz o Dr. Vaschide, que era diretor-adjunto do laboratório de psicologia na Escola de altos estudos:

“Existem seres dotados de uma sensibilidade única, intuitiva, que podem, talvez, saber as leis caprichosas do acaso. Pode acontecer, pois, que pacientes dotados desta faculdade misteriosa, a intuição, apanhem idéias desconhecidas, as idéias do desconhecido.”

Numerosos estudos têm estabelecido esta possibilidade para certos seres, de ver o futuro. Eles não têm conhecimento senão de alguns fatos, certamente. Apenas uma nesga do véu ergue-se aos seus olhos. Mas, quaisquer que sejam os limites nos quais se exerce esta faculdade, isto não é menos real.

Os trabalhos de numerosos psiquistas, Dr. Osty, Ed. Duchâtel, Prof. Charles Richet, entre outros, fornecem provas absolutas.

Resulta desses fatos, sobre os quais não podemos nos estender aqui, que seres especialmen-

te dotados, são suscetíveis de colher, para o seu espírito, idéias que não são perceptíveis aos outros e que no seu estado normal nada lhes pode fazer pressentir. Essas manifestações parecem pôr em jogo não mais a consciência ordinária, porém uma espécie de *superconsciência* latente em cada um de nós e que se manifesta somente quando circunstâncias – que não são ainda bem conhecidas – o permitem.

• • •

Para aprender, tanto quanto se possa, o mecanismo dos fenômenos intuitivos, voltemos, em algumas palavras, à constituição do ser.

A usina humana, conjunto de órgãos agrupados em funções, dissemos, tem dois dirigentes: um diretor e um subdiretor.

O subdiretor é o *inconsciente*, chamado ainda subconsciente ou consciência subliminal (Meyers). Ele faz funcionar as engrenagens, com ou sem apoio do diretor.

É este inconsciente que sente as emoções e seu papel é enorme na atividade mental de que partilha a tarefa com o diretor.

Vimos que é ele que tem o comando de nossas faculdades psíquicas inferiores (automatismos, instintos, etc.) e, pela sua faculdade de registrar as sensações com uma perfeição que depende de sua educação e de seu “treinamento”, leva a faculdade de associar as idéias e, por conseqüência, à memória uma assistência de primeira ordem.

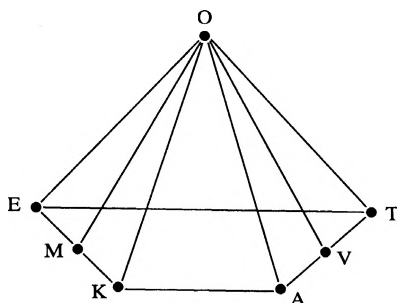
Esta memória, este julgamento, como a vontade e a atenção que beneficiam também os trabalhos do inconsciente, dependem principalmente da consciência que é o diretor da nossa usina.

O conjunto da direção – consciente e inconsciente – constitui o que os psicólogos chamam o *Eu*.

Este *eu* foi profundamente estudado, em nossos dias, em suas diversas partes.

Binet compara-o separando estas duas entidades, uma superior e outra inferior, a um lustre que conduz duas ordens de facho: a ordem superior apresenta os fenômenos psíquicos superiores: vontade, atenção, julgamento, associação de idéias, memória; a ordem inferior corresponde aos fenômenos psíquicos inferiores, aqueles que citamos.

O Professor Grasset deu outra forma ao seu pensamento. Compara as nossas duas personalidades a um poliedro do qual eis aí a figura.



Esquema dos dois psiquismos, segundo Grasset.

No vértice da pirâmide, o Centro psíquico superior O (personalidade consciente, vontade livre, eu responsável). A base poligonal da pirâmide (Avtemk) esquematiza o conjunto dos Centros psíquicos inferiores ou do automatismo psicológico. A, centro auditivo. – V, centro visual. – T, centro tátil (sensibilidade geral). – K, centro quinético (movimentos gerais). – M, centro da palavra. – E, centro da escrita.

Como base, um polígono em cujos contornos figuram os centros nervosos realizadores das faculdades psíquicas inferiores. Centros: auditivo, visual, tátil, quinético (movimentos gerais), centros da palavra e da escrita. Destes centros partem linhas que se reúnem em um ponto, O, que é o

centro das faculdades superiores. Mas, estas duas entidades: o consciente e o inconsciente, o centro psíquico superior e o polígono dos centros psíquicos inferiores, são insuficientes para explicar a totalidade dos fenômenos psíquicos.

Nos casos de intuição, de inspiração, de gênio, parece que os elementos não vêm à nossa consciência pelo ministério do nosso inconsciente, cujo papel, assim como vimos, é, entretanto, muito importante, porém sempre muito inferior.

Os dados intuitivos não vêm também da consciência, pois que os dados registrados pela intuição são sempre de uma qualidade muito superior ao que se pode obter pelo exercício normal do nosso julgamento. É, pois, mais ou menos necessário admitir a existência no ser humano de uma faculdade nova, uma superconsciência que tem por função haurir, fora do ser humano, elementos de emoção ou de conhecimento que servirão ao poeta para criar a sua obra, ao músico, ao compositor para achar a sua melodia. Há aí um fato que sai inteiramente das idéias corrente:

Certamente, o problema da intuição não é daqueles que podem ser resolvidos com facilidade.

É extremamente complexo, não somente devido à multiplicidade de elementos que comporta, como também pela variedade quase infinita das combinações que estes elementos dispõem no ser sensível.

O inconsciente e o consciente são atingidos por eles e conduzem a sua pedra para esse edifício, e a proporção na qual a sua intervenção se produz, não poderia estar determinada exatamente no atual estado da ciência.

• • •

Todavia, muitos fatos passam por intuitivos, e os mesmos não deveriam ser considerados como tais. Assim como fizemos ressaltar, no nosso *Curso de Magnetismo Pessoal*, dados cuja produção é atribuída à intuição, à superconsciência, não são intuitivos absolutamente. Longe de serem manifestações inesperadas e inexplicáveis, são o produto de um obscuro trabalho de dedução que se passa, seja no inconsciente ou na semi-inconsciência, que não é controlada pela atenção.

As pessoas nervosas, sensitivas, impressionáveis, dizíamos nesta obra, têm um trabalho mental extremamente rápido, e este trabalho nem sem-

pre está colocado sob o “controle” do consciente. As imagens passam no seu cérebro como em um impulso cinematográfico. Falam com precipitação, como se as idéias desordenassem as palavras. É com pressa proporcional que as impressões se registram. Porém, do mesmo modo que elas não chegam nem sempre a exercer sobre a sua onda de palavras um domínio desejável e que o que elas dizem sob tal impressão ultrapasse muitas vezes o que desejariam e deveriam exprimir, do mesmo modo, quando registram impressões, essas notações são raramente perfeitas, porque em seu rápido registro perdem em precisão o que adquiriram com rapidez.

Os sensitivos guardam, pois, no seu inconsciente, uma multidão de pensamentos e de imagens de que não têm nenhuma lembrança ou apenas uma lembrança de tal modo vaga que nem mais pensam nela ou supõem havê-la esquecido.

Todavia, se o consciente não experimentou e conservou essas impressões, o inconsciente guardou, muitas vezes, extraordinário número delas, e, embora tenham sido ligeiras, podem, entretanto, reaparecer em um momento de calma cerebral.

É principalmente durante o sono que este fenômeno se produz mais facilmente. Nesse mo-

mento, o inconsciente, senhor absoluto da totalidade do campo mental, faz vir à superfície algumas impressões obliteradas, coloca-as em relevo, associa-as a outras e de tudo tira deduções.

Não se trata do sonho banal que não é senão uma justaposição, muitas vezes muito fantasista, de impressões, mas, de certos sonhos ditos lúcidos que fornecem, ao despertar, dados que a pessoa está em condições de controlar mais tarde. Mais frequentemente durante o sono é que o pseudo-intuitivo acreditou achar um pensamento fortuito, entretanto, não fez senão agitar pensamentos já existentes. Passou-se nele mesmo um trabalho mental que lhe escapa inteiramente. Não teve consciência das operações que se efetuaram no seu cérebro.

Só o resultado do trabalho lhe é conhecido. Toma-o por uma intuição; entretanto, a idéia que julga aparecer-lhe espontaneamente é o produto de uma *dedução inconsciente*.

Esses fatos de dedução inconsciente são extremamente freqüentes entre as pessoas nervosas, porque, precisamente, as suas sensações não são suficientemente dominadas. Estudamos numerosos casos.

• • •

Os fatos de intuição real acham-se muito restritos por essa distinção; não existem, entretanto, menos por isso, certamente.

Em alguns casos, em que a faculdade vai manifestar-se espontaneamente, essa intuição é aliada pela consciência.

O ser pensa no seu trabalho, medita sobre esse assunto, estabelece um plano, documenta-se, toma notas, cria no seu consciente e no seu inconsciente uma espécie de assiduidade involuntária que dá a seu trabalho um lugar predominante sobre todos os outros pensamentos.

A intuição produz-se, depois, bruscamente; o poeta escreve, o músico compõe e as melodias ou as idéias que não estavam senão esboçadas no seu pensamento, tomam a sua forma definitiva por vezes bem diferente do que o artista havia esperado.

Acontece, embora mais raramente, abandonar completamente as idéias anteriores e servir-se de dados inteiramente novos.

Tanto o primeiro período foi laborioso e difícil, quanto o segundo é harmonioso e fácil.

O primeiro trabalho necessitava de uma tensão de espírito, uma atenção sustentada que desa-

parece no segundo caso; aqui, tudo jorra da fonte; parece que o artista trabalha sob o ditado de um ser superior; sua alegria é um transporte sublime que pode ir até ao êxtase.

Em certos casos, a intuição não é precedida de nenhum esforço consciente. Em estado de isolamento, de recolhimento, o artista encontra, espontaneamente, idéias novas. Um pensamento que lhe parece exterior revela-se subitamente.

Idéias luminosas afluem ao seu cérebro.

Apoderam-se dele e, num impulso imprevisto, basta notar o que lhe diz a voz interior, tocar no seu teclado, sem ter disso quase consciência, a melodia que lhe canta uma voz que só ele ouve.

Em certos casos, essa intuição se dá durante o sono, em uma espécie de sonhos. O inspirado levanta-se como um sonâmbulo; não é a sua consciência pensante que age, é outra personalidade que o dirige, uma entidade que lhe parece exterior.

É nesse curioso estado de consciência que Chopin teria improvisado a sua *Marcha Fúnebre*, e Rouget de L'Isle a sua *Marselhesa*. É em sonho, igualmente, que se produzem numerosas intuições espontâneas. Muitas mulheres, mais sensí-

veis do que os homens, têm essas premonições; confiam nelas, porque acontece muitas vezes que os seus pressentimentos se verificam.

Essas intuições, esses pressentimentos parecem vir bem dessa faculdade, superior à consciência habitual, que chamamos superconsciência.

O caráter da inspiração é a sua espontaneidade e a alegria fácil na qual ela se produz.

O artista, o poeta, tem a impressão de ser subitamente visitado por uma presença estranha e é como se a sua mão fosse guiada por uma vontade além da sua. Sua obra é escrita de um só jato, sem pausa, nem reflexão. Esse trabalho é feito sem esforço, em uma espécie de êxtase que não lhe deixa meio de se reconhecer e que o coloca inteiramente sob a influência daquele que parece dirigi-lo.

Esse arrebatamento, raro, aliás, é de uma duração variável, porém, enquanto dura, o artista se sente transportado; tem consciência apenas que o seu espírito bebe em uma fonte superior e que ele pode tirar sem medida tudo o que lhe for dado por uma vontade mais alta e mais forte do que a sua. Esse transporte pode durar horas; não necessita nenhum esforço; apenas a fadiga física do trabalho material de realização poderá fazer-se sentir.

Ao sair dessa inspiração o artista não precisaria retocar. O que ele fez é alguma coisa completamente estranha para si. Não tem nenhum “controle” sobre essa obra que ele julga muito superior à sua produção ordinária e, se a quisesse modificar, em qualquer sentido, a sua produção, esse trabalho estaria acima de suas forças.

Não está à altura dessa tarefa. Se, apesar da duração desse êxtase, não terminou de uma só vez a obra começada, não lhe é possível tornar a encontrar o estado misterioso que o elevou e sustentou acima da terra; o raciocínio, a reflexão, as pesquisas documentárias, tudo será vão para tornar a mergulhar-se nesse oceano de luz um instante entrevisto e que se fechou. É assim que primores de arte ficam incompletos, ainda que os seus autores tenham vivido muito tempo depois de os ter empreendido.

Aqueles que foram tocados por essa alegria pura de uma inspiração sagrada tiveram a consciência de que comungavam com forças superiores, que uma mão os dirigia como Deus inspirou o profeta, e que inteligências inacessíveis à multidão falavam-lhe em uma linguagem mística, sobre-humana, que não compreenderiam talvez mais, agora a fonte de inspiração está fechada.

Eles têm, então, a certeza que não agiram pessoalmente; que não foram senão instrumento pelo qual se manifestaram vontades inteligentes.

• • •

A intuição, tal como acabamos de estudar, é, pois, um fenômeno essencialmente espontâneo. Nasce sem nenhum esforço e, não somente sem ser chamada, mas, muitas vezes, sem que o presintamos e sem participação voluntária daquele que é objeto dela. Certamente, as pessoas que têm intuição, pressentimentos, oferecem caracteres particulares que permitem reconhecê-las e sem os quais a faculdade não poderia exercer-se. São pessoas nervosas, impressionáveis, emotivas, tendo uma acuidade de percepção muito acima da média.

Mas, fora esses seres excepcionais, é possível desenvolver a intuição entre aqueles que não a possuem senão em grau mais fraco? Eis aí um problema importante.

Mesmo aqueles que são bem dotados a esse respeito, poetas, músicos, muitas vezes desejaram obter, por sua vez, a inspiração feliz, que lhes faz

produzir as mais belas obras. É um problema delicado mas que não parece insolúvel. É certo que o iniciado pode desenvolver a sua superconsciência e ter, por esse meio, desde que chegou a certo grau de prática, uma visão dos fatos inteiramente diversa da anterior.

Pode-se esperar adquirir uma intuição precisa no sentido que se deseja evoluir, e essa faculdade desenvolver-se-á tanto mais nitidamente quanto a sua direção for mais exata. Pode tornar-se esse “faro” que cria o sucesso em negócios, como a intuição e a associação de idéias que dão a facilidade para escrever, imaginar ou, ainda, essa sensibilidade especial que chamamos o senso artístico.

É certo que uns e outros podem, em graus diferentes, desenvolver em si mesmos essa curiosa faculdade e tornar-se, mais perfeitamente, segundo a ordem de fatos em que a sua atividade é desenvolvida, homens de negócios, escritores, romancistas, artistas. Esse desenvolvimento da superconsciência necessita um estudo profundo do ser humano. Em casa um de nós dormita essa faculdade intuitiva. Mas, quando ela não ultrapassa a média, não lhe prestamos atenção, ignoramo-la. Desde que o problema se coloque diante de

nosso espírito, percebemos que essa faculdade é educável. Do mesmo modo que os músculos se desenvolvem, que a parte emocional do nosso ser pode influenciar-se em uma direção que a torna mais aguda e mais extensa, também a nossa superconsciência pode, por sua vez, desenvolver-se harmoniosamente.

• • •

Certas pessoas, em vista de desenvolver a superconsciência, entregam-se aos narcóticos. É um grave erro querer fazer dependente de uma droga o arrojo divino do pensamento.

Os venenos euforísticos podem muito momentaneamente produzir um efeito desse gênero, mas o muito fraco resultado que dão é pago a preço elevadíssimo por suas conseqüências fatais.

Certamente, o ópio, o haxixe, a cocaína podem dar ao ser humano uma superexcitação especial que, a princípio, no que certos psicólogos chamaram a *lua-de-mel* do intoxicado, desperta novas visões, acuidades particulares, percepções estranhas que são antes a deformação da realidade do que portas abertas para um mundo desconhecido.

Não se tinha pensado nesse aspecto das coisas e parece que se tinha descoberto um mundo singular e perturbador, onde tudo é diferente da vida cotidiana.

Mas, essa miragem é fugitiva e de duração bem curta. Dá breves alegrias, depois das quais o hábito se produz. Não se quer privar-se do veneno inspirador e o prazer torna-se uma necessidade; o indivíduo se torna escravo do excitante; não pode trabalhar sem ele e o tóxico, que fora um auxílio, torna-se um tirano com o qual todo o ser deve contar. É preciso que o desgraçado, que pediu ao veneno as suas alegrias e as suas forças, continue a submeter o seu pensamento e a sua vontade à droga infernal; é como um naufrago à mercê das ondas. O que tomava por visões sublimes não é mais do que fantasmagorias.

O artista perde em breve a possibilidade de realização. Gasta-se em vãos devaneios. Tudo se deforma em torno dele e os seus próprios pensamentos sofrem essas deformações. Aquele que se entrega aos narcóticos com o desejo de criar, está perdido em um estado inativo que não repousa nem dá alegrias; definha em pensamentos perturbados que, muitas vezes, o tolhem de terror. É incapaz de um esforço seguido e, quando o vene-

no o invadiu definitivamente, toda ação lhe é uma carga, torna-se um peso, um fardo. Uma simples carta a escrever é um suplício acima de suas forças; o intoxicado é sem vontade e sem energia.

• • •

Essas perturbações devidas ao ópio, ao haxixe e, de maneira geral, a todos os narcóticos derivados do ópio (morfina, heroína, cocaína), são muito conhecidas para que nos demorem a examiná-las. As fontes às quais poderíamos enviar o leitor são numerosas, e algumas têm grande valor de observação, pois que são o diário autobiográfico dos intoxicados.

Entre as mais curiosas dessas autobiografias, uma das mais estranhas é a de Thomas de Quincey. A obra foi traduzida por Alfredo de Musset sob o título: *O inglês comedor de ópio*. É esse mesmo trabalho que serviu a Baudelaire para a segunda parte dos seus *Paraísos artificiais* que consagrou ao ópio e ao haxixe.

Thomas de Quincey mostra-nos bem, nas suas revelações, as armadilhas do ídolo ao qual sacrificou e, depois de alegrias falazes, a abolição quase

completa de sua personalidade. Todo esforço, como dizíamos, tornou-se-lhe impossível:

“Eu era bem raramente capaz de escrever uma carta; uma resposta de duas palavras àquelas que eu recebia era tudo o que eu podia fazer; e isso, muitas vezes depois de ter deixado a minha carta aberta durante semanas ou meses sobre a minha mesa...”

É bem difícil mostrar mais ingenuamente a miséria na qual o opiômano é submergido.

Contrariamente às fantasias que contam, ou aqueles que falam levianamente do que não sabem, ou os intoxicados, cedendo à desastrosa necessidade de proselitismo que é uma das características de seu estado, vê-se que o haxixe e o ópio, longe de desenvolverem a intuição e as faculdades superiores do espírito, aniquilam todo pensamento, destroem toda a vontade. O mesmo sucede com todos os outros narcóticos.

Não somente aquele que se entrega a esses venenos não adquire faculdades novas, mas é sempre vítima de perturbações que se agravam à medida que aumenta a intoxicação.

O grande intoxicado: opiômano (sob qualquer forma que a droga seja ingerida: comida, fu-

mada ou posta sob a forma de láudano), ou haxixiano, sofre, durante o dia, perturbações que suprimem nele toda a possibilidade de realização. Quanto às suas noites, são lamentáveis e povoadas dos mais assustadores pesadelos, das visões mais terríveis, que lhe aparecem com pavorosa nitidez.

Eu não quero outra prova senão a confissão de Thomas de Quincey na obra já citada:

“No momento em que aumentava a faculdade de criar nos meus olhos, uma espécie de simpatia se estabelecia entre o estado de sonho e o estado de vigília em que me achava. Todos os objetos de que acontecia recordar-me e retraçar voluntariamente na obscuridade, eram logo transformados em aparições, de modo que eu tinha medo de exercer essa faculdade temível; porque, semelhante a Midas, de cuja avareza ele mesmo se punia, e que transformava em ouro tudo que tocava, desde que uma coisa podia apresentar-se aos olhos, eu não tinha senão que pensar na obscuridade e a via aparecer como um fantasma; e, por uma consequência aparentemente inevitável, uma vez assim traçada em cores imaginárias, como uma palavra escrita em tinta simpática, chegava até um clarão insuportável que se despeda-

çava o coração. Porque isso, como todas as outras mudanças sucedidas nos meus sonhos, era acompanhado de uma inquietação e uma profunda melancolia, impossível de exprimir.

Parecia-me, cada noite, que eu descia, não por metáfora, mas literalmente, em subterrâneos e abismos sem fundo, e eu me sentia descer, sem ter nunca esperança de poder voltar. Mesmo ao meu despertar, eu não acreditava haver subido.”

É uma visão bastante assustadora da escravidão do toxicômano – essa familiaridade constante de imagens involuntariamente criadas e que se pintam pelas paredes com o sinistro chamejar da mão vista por Baltazar e que escrevia as maldições que fizeram cair a Babilônia; essa sensação de uma descida irremediável é, certamente, uma tortura aflitiva, mas não basta àquele que quis criar um modo fictício para viver segundo o seu desejo. Perturbações novas agravam os terrores que o torturam; os sentimentos do espaço e do tempo se perturbam dolorosamente nele:

“Os edifícios, as montanhas elevavam-se em proporções muito vastas para serem medidas pelo olhar. A planície se estendia e se perdia na imensidade. Isto, contudo, me afligia menos do que o prolongamento do tempo; acreditava algumas ve-

zes ter vivido 70 ou 100 anos em uma noite; tive mesmo um sonho de milhares de anos; e outros que passavam os limites de tudo quanto os homens podem recordar-se.” (*O inglês comedor de ópio.*)

Expulso do espaço e do tempo por sua lamentável loucura, o desgraçado é ainda atormentado por lembranças que tomam, a seus olhos, um caráter real. Algumas dessas visões se encarniçam contra ele. Cita-se o caso de um intoxicado malaio que foi, durante anos, o seu mais feroz perseguidor. Uma palavra, um verso, um som, tudo tomava nele um poder evocatório e a potência do mal forçava-o a viver dolorosamente algumas de suas lembranças.

• • •

Vê-se, por essas curtas citações, e teríamos podido escolher mais trágicas, em que estado se coloca voluntariamente aquele que quer fugir da realidade, criar, à sua vontade, visões e inspirações que lhe não vêm do alto.

É demonstrar à saciedade que o emprego dos narcóticos é o pior processo para desenvolver a intuição e as faculdades superiores do espírito.

Eles não podem senão desafinar o instrumento de que nos queremos servir e não é desse instrumento desafinado que poderíamos arrancar belas harmonias, não é dessa consciência prestes a escurecer na loucura, que poderemos obter produções superiores, lógicas, harmoniosas.

A droga dá perturbações, por vezes, visões curiosas, a princípio especialmente, pela dissociação da personalidade; porém, ela resgata esse pequeno resultado roubando àquele que a emprega, toda faculdade de julgamento, a associação lógica das idéias, a vontade. Pelo emprego dos euforísticos, o ser humano torna-se um farrapo sem valor, por uma ação normal e regularmente consentida.

Foge da realidade para penetrar no domínio mentiroso das miragens, e, em breve, prostrado pelo hábito, torna-se escravo do veneno.

O caminho do iniciado não é esse. Mas, antes de o encarar, antes de indicar como podemos desenvolver em nós mesmos as faculdades intuitivas, acreditamos útil, para bem sublinhar a diferença entre a visão quimérica do intoxicado e o fato real de intuição, reproduzir uma observação que o Dr. Gaston Durville publicou em um estudo em que encarou a possibilidade de educar o superconsciente.

Essa observação, que foi dirigida ao Dr. Gaston Durville por uma mulher que assinava I. L., abre horizontes até aqui insuspeitos ao pensamento.

“Comecei, a 9 de maio de 1917, escreveu mad. I. L., o estudo do órgão, sem ter tido, até esse dia, a menor noção desse instrumento; sou medíocre pianista, e se outrora lia facilmente a música, de há muito que perdi esse hábito, não tendo tocado piano desde há 7 anos senão raramente, quando conseguia ler certas músicas. Esbarrei desde a minha primeira lição de “pedal”, com três dificuldades principais:

- “1^a — A aprendizagem dos pés sobre o teclado de pedais;
- “2^a — A leitura simultânea de 3 pautas musicais: (linha superior para a mão direita, média para a mão esquerda, inferior para os pedais);
- “3^a — Enfim, a pauta escrita para os pedais ocupa o lugar da linha escrita para a mão esquerda nas obras para pianos; o que complica a leitura para o principiante.

“Depois de um quarto de hora de horrível confusão, estava perdida em uma decifração impossível, invertendo sem cessar a ordem das três

pautas e o lugar dos 18 pedais. É então que o meu professor sai, sendo chamado 8 a 10 minutos à presença de um visitante; *veio-me a idéia de aplicar o método psíquico ao meu novo trabalho; fiz alguns instantes o 'isolamento', depois enviei sucessivamente toda a minha vontade (com uma profunda respiração a cada ordem dada):*

“1ª — *Aos meus pés, ordenando-lhes a não obedecer senão à leitura da linha inferior;*

“2ª — *À minha mão esquerda, com a ordem de não obedecer senão à leitura da linha média;*

“3ª — *À minha mão direita, com a ordem de não obedecer senão à leitura da linha superior.*

“Isso tendo feito com método e fé no sucesso, pensei simplesmente: *'Agora não nos preocupemos mais com isso'*.

“Meu professor voltando para junto de mim, pus-me a tocar. Imediatamente o mestre admirou-se da mudança súbita: não invertia mais a ordem das pautas e, não fossem os erros contínuos de meus pés na escolha das notas, teria lido a música correntemente.

“Fiz meu segundo estudo no dia seguinte com uma moça habituada a fazer trabalhar crianças *soletrando-lhes*, nota por nota, sem trégua

nem interrupção: dessa vez, impossível de me ‘recolher’ um só instante para utilizar-me do método psíquico; foi preciso contentar-me em aplicar-me como os outros principiantes, com a minha inteligência consciente; volto, então, a todas as apalpa-delas de meu primeiro quarto de hora e deixo o meu trabalho extenuada, aborrecida.

“A diferença de um estudo a outro sendo pro-vada, consagro a meu terceiro estudo a renovar a primeira experiência, mas aplicando igualmente a ‘concentração psíquica’ ao conhecimento do te-clado dos pedais; *o resultado é imediato, e no dia seguinte (4º estudo e 2ª lição), meu professor esta-va estupefato de me ver decifrar um prelúdio de Bach sem olhar os meus pés.*

“Entre 9 e 25 de maio, tive aproximadamente 8 horas de estudo. Ora, em 25 de maio, o meu professor me fazia tocar no órgão de Saint S..., dois prelúdios de Bach que me assegurou terem sido executados tão corretamente como se fosse após um ano de estudos. Como eu lhe explicasse o meu processo, *‘é muito interessante, disse-me ele, mas eu não explico a rapidez inconcebível com a qual retivestes a colocação dos 18 pedais’.* Eu lhe fiz notar *que eu me enganava como qual-quer principiante desde que cessava de ‘ter con-*

fiança' nos meus pés e nas minhas mãos, isto é, desde que, temendo erros, pensava neles e vigiava as suas mudanças de pedais ou de teclas.

“Enfim, nesses últimos dias, eu experimentei suprir completamente o trabalho consciente ou subconsciente do cérebro: depois de ter ordenado aos 4 membros ‘executantes’ a obediência exclusiva às suas respectivas pautas, encarreguei o meu ‘superconsciente’ (falo desta parte superior do mental), da *percepção de todas as dificuldades musicais de que meus olhos tomavam ‘maquinalmente’ conhecimento*, reservando-me somente, como esforço consciente, a leitura de conjunto, sem nenhuma tensão, nem *aplicação raciocinada*. Em suma, é o inverso do processo habitual; isto animou-me infalivelmente: todas as vezes que eu toco com confiança e calma absoluta, não experimento senão as dificuldades de mecanismo e posso estudar duas horas sem a mais ligeira fadiga.

“Não digais, como o meu professor, que é ‘prodigioso e anormal’. Nem sempre me saí bem, mas tenho observado que *todos* os meus erros têm *sempre* uma das seguintes causas:

“Ou eu não dera a ordem formal a um dos membros executantes;

“Ou eu estava longe da calma absoluta;

“Ou tinha começado a *raciocinar* a minha leitura (aplicara-me, diria um estudante normal);

“Ou pensava em outra coisa. Esse caso se produz muitas vezes; então dir-se-ia que ‘o contato é retirado’. Tenho a impressão de que o espírito consciente retoma penosamente o lugar do ‘outro’ e tateia erradamente para se ‘encontrar’, enquanto que os pés e as mãos se confundem como os dos principiantes. Eis o que me acontece cada vez que não limito estritamente o meu esforço à leitura visual – não refletida – e com a exclusão de todo pensamento vagabundo.

“Hoje, 7 de junho, depois de 8 lições e perto de 15 horas de estudos (ao total) decifro a *Marcha dos Peregrinos*, de Tannhauser, a *Pastoral* de Franck.”

Esses casos são curiosos. Deixam supor que o ser humano, especialmente dotado, pode apelar para uma consciência superior. Certamente, é difícil precisar a natureza exata dessa superconsciência.

Apenas a entrevemos. Esses fatos são tão excepcionais que devemos crer no milagre? Não pensamos assim. Achamos, ao contrário – e isto repousa em numerosas experiências –, que é pos-

sível fazer nascer, brotar e florescer a faculdade intuitiva, dar a certos seres humanos predispostos, uma espécie de superinteligência que lhes permite conhecer, em certos momentos, fatos que não caem sob o domínio dos sentidos habituais.

• • •

Como se pode desenvolver ou adquirir essa faculdade?

É ainda o conhecimento do ser humano que poderá revelá-la a nós. Nenhum poder real, nenhuma faculdade poderosa pode aparecer no nosso ser fora das Leis eternas. A Lei primordial, que domina todas as faculdades e todas as percepções, é que o ser deve, antes de tudo, realizar, em si mesmo, uma síntese, uma harmonia, um conjunto que não deixe lugar a nenhuma dissonância. É dessa síntese que resultam os poderes superiores do espírito e do superconsciente; é por ela que podem nascer e se expandir as mais altas faculdades psíquicas. Esses poderes e essas faculdades se encontram em todos os seres, mas, em estado latente; basta realizar as condições de uma harmonia perfeita para que apareçam e, progressivamente, se desenvolvam.

O primeiro ponto que deve realizar aquele que quer iniciar-se nessas faculdades superiores, é criar, em si, essa síntese, essa harmonia: deve ser senhor de seu corpo, senhor de seu espírito, senhor de suas emoções, senhor de seus impulsos. É neste domínio que experimenta o sentimento de sua força, a soberana calma que lhe dá pleno poder em torno, este perfeito equilíbrio sem o qual nenhuma ação é possível.

Esse domínio próprio dá uma severidade deliciosa, uma alegria sem sombra e sem limite que não se encontra em outra parte e que é uma das mais altas felicidades acessíveis ao homem.

Com isso adquire a força de vencer, não somente nos seus interesses materiais, mas ainda nessas pesquisas apaixonadas que lhe fariam esquecer tudo, se os seus deveres não o solici-tassem.

É aí que se encontra a Senda, a única Senda, a única que conduz aos poderes reais, às faculda-des estáveis.

Aquele que persevera nessa linha de conduta sentir-se-á, dia a dia, mais poderoso, e sua força crescerá à medida que se tornar mais calmo e mais em posse de si mesmo.

A faculdade intuitiva não se pode manifestar, brotar, expandir-se, até dar ao ser uma visão nova e inteiramente diferente da vida, senão quando a calma é obtida.

Tocamos aí em um dos mais altos cumes iniciáticos. Os cimos, no ar que os rodeia, são, para nós, a imagem mais perfeita da paz e da estabilidade; mas, esses altos cimos não podem ser escalados se os declives precedentes não forem galgados. É, pois, de primordial necessidade ter, antes de tudo, obtido a calma do corpo, o apaziguamento dos sentimentos, o domínio das emoções, a posse das idéias antes de realizar outra ambição.

• • •

Para bem fazer compreender a necessidade dessa calma, teremos ainda de recorrer a uma comparação:

Imaginai que em uma usina onde entrastes, encontrareis o diretor. Tem ele belas faculdades, faculdades de cálculo, por exemplo. Mas há, no escritório da diretoria, duas pessoas, pelas quais simbolizamos o consciente e o inconsciente. Essas pessoas são, muitas vezes, muito turbulentas.

A consciência se manifesta por uma vontade brusca, autoritária; dá ordens despóticas; quanto ao inconsciente, é vítima de revoltas, de perturbações que alteram toda a usina.

Como, em tais condições, a mais alta parte de nós mesmos fornecerá o seu trabalho? A faculdade está em nós, porém se o ruído impede a sua expansão, ela não nos pode servir. Fica latente, dentro de nós, inutilizada; não se pode manifestar, do mesmo modo que o diretor no seu escritório não se pode entregar, no meio da confusão e das disputas, às operações difíceis. Não pode fazê-las sem ter a cabeça repousada; é preciso, pois, antes de tudo, que afaste do seu escritório tudo o que perturba a calma; não é senão depois de o ter conseguido que ele está em condições de fazer os seus cálculos, de resolver os mais delicados problemas.

O superconsciente aparece àquele que observa e experimenta na calma e no repouso de espírito, como uma entidade comparável a esse diretor de usina que é dotado de faculdades notáveis, porém, que se acha, por causa de um tumulto exterior, na impossibilidade de cumprir o seu trabalho. Se, ao contrário, está em condições favoráveis, as suas belas faculdades tomarão todo o

desenvolvimento que são capazes de dar; poderá exercê-las, impeli-las ao seu mais alto ponto de perfeição, porque a calma necessária foi estabelecida em torno dele.

Para que as nossas faculdades superconscientes dêem a sua medida real, é preciso obter, primeiramente, a calma altamente perfeita em si e em torno de si.

• • •

No capítulo precedente, insistimos sobre o auxílio que podemos pedir ao silêncio. Na calma, o nosso ser repousado sente-se rodeado de poderosas energias, de presenças benéficas que pedimos às Forças amigas do Silêncio. É no silêncio amigo que podem brotar as nossas mais altas faculdades latentes.

Estamos, pois, na necessidade de procurar um quadro silencioso para o nosso desenvolvimento.

Em nossa casa esse quadro pode ser um canto privilegiado do nosso aposento, onde gozamos de solidão, onde achamos, com um prazer sempre novo, tal poltrona, tal *sofá* onde repousamos melhor que em outro lugar, onde experimenta-

mos melhor do que em qualquer outra parte da nossa casa a doçura de descansarmos, de repousarmos física e moralmente, e sonhamos a nosso gosto.

Nosso gabinete de trabalho, longe do ruído da rua, é um ambiente favorável para exercermos as nossas faculdades de intuição, em vista dos nossos trabalhos, escritos, obras absorventes, dos nossos negócios. O ateliê é um quadro inteiramente designado para obtermos novas visões relativas à arte que praticamos. Mas, há momentos em que mesmo o lugar mais favorável da casa não é o quadro que agrada mais à nossa inspiração.

É na Natureza, na sua calma e na sua doçura, que encontramos as nossas inspirações mais belas. Amemos essa Natureza materna que nos oferece os seus verdes palácios para abrigar os nossos sonhos e facilitar os nossos trabalhos. É a ela que deveremos sempre as nossas alegrias mais belas e mais profundas; é ela que nos abrirá mais facilmente e mais completamente as fontes da inspiração; que espalhará no nosso espírito, com a verde luz que se projeta nas folhas, essa harmonia que nos faz viver uma vida mais alta e mais consciente.

Não é somente para a nossa comodidade que devemos escolher para o nosso pensamento um

quadro imutável. Esse lugar em que nos recolhemos conserva sempre alguma coisa dos nossos pensamentos habituais. Esses pensamentos parecem sobreviver aí, aí persistir e criar uma atmosfera diferente do resto do mundo. Nada como penetrar no nosso aposento amado, nosso cantinho que nos agrada, nesse lugar solitário onde o regato, que murmura, nos embala com o seu cântico tão fresco, onde parece que encontraríamos os nossos pensamentos anteriores.

• • •

Quem dirá o segredo dessas harmonias misteriosas?

O sensitivo as percebe. Sente em torno de si as forças amigas, os pensamentos nascidos dele que, espontaneamente, retomam o lugar no seu espírito, encantam-no, prendem-no, preparam-no a um novo arrebatamento, a um novo esforço. Esse lugar que freqüentamos, onde nos sentimos bem, fica impregnado do nosso pensamento como um vaso poroso guarda o perfume do líquido que conteve.

Encontrando-nos novamente nesse ambiente, em um momento em que tudo é silencioso e cal-

mo, tanto em nós como em torno de nós, encontramos de novo os pensamentos que nos foram familiares nesse lugar escolhido.

Parece que sobrevivem no aposento amigo tanto como no recanto preferido do campo.

São verdadeiramente os nossos pensamentos? Têm eles uma realidade de algum modo permanente que lhes permite fazer-nos esse acolhimento?

Somos o brinquedo de uma sugestão?

Não importa, pois que dessa sensação, aquele que trabalha tira os resultados mais felizes.

O que é importante, é procurar criar um quadro amigo para nos desenvolvermos, uma atmosfera propícia à eclosão de nossa superconsciência, da intuição e da inspiração.

Esse pequeno caminho que serpenteia no bosque e que amamos, parece guardar o nosso pensamento. A primeira vez envolveu-nos em seu encanto e se mostrou propício às nossas laboriosas meditações. Voltamos aí. Acostumamo-nos com ele.

Encantou-nos sem sabermos por quê, e agora estamos deliciosamente cativos de sua calma e de sua poesia.

Os eflúvios que procuramos, penetram-nos mais docemente sob a sua sombra doce. Conheceu os nossos primeiros trabalhos e, depois, cada vez que aí voltamos, dá-nos a mesma calma de espírito, parece que nos sugere lembranças e idéias.

As forças e as inteligências amigas vêm a nós, sob as abóbadas movediças das árvores. Vêm a nós, cantando como um grupo de jovens virgens. Brincam nos raios, aparecem e desaparecem, sempre sob um novo aspecto que suscita novas associações de idéias.

Voltamos a esse lugar para aí gozarmos sem cessar essas alegrias extasiantes e calmas.

Esse quadro nos inspira assiduamente pelo trabalho que fazemos. O ar que respiramos na sua intimidade viva conduz, não somente a vida física aos nossos pulmões, mas, ainda mais, ao nosso espírito, um afluxo de imagens vivas e frescas. O próprio ruído das folhagens, no seu deslize indeciso, murmura-nos doces coisas que não compreendemos em outra parte. Mais vivemos nesse lugar aprazível, mais sentimos quanto nos é favorável. Lá, encontramos belas idéias; parece-nos que elas descem para nós com os raios que deslizam entre as verduras.

• • •

De onde nos vêm esses pensamentos? Onde foram colhidas essas imagens que nascem como flores em torno de nós? Ninguém o saberia dizer. Estão aí, na atmosfera; elas nos inundam como a seiva que sobe às árvores rejuvenescidas, cumulam-nos de percepções novas, de pensamentos imprevistos; inspiram-nos.

Aliás, o mecanismo idêntico agirá diferentemente pela diversidade dos aspectos.

Sim, na calma repousante da Natureza, o ser sente crescer em si faculdades que depressa se vão expandir em prodigiosos resultados. Uma doce atividade, nova para as nossas forças, se desenvolve lentamente. Uma lucidez que não conhecíamos mostra-nos a vida sob um aspecto diverso. A intuição se desenvolve.

E as visões que nos vêm da Natureza são lúcidas, tanto quanto doces. Não se experimenta a deformação característica da influência dos venenos. Sentimos que estamos sempre na realidade. Não é a miragem que nos guia, a aparência vã do fugitivo desejo, mas, ao contrário, é a constante flama de entusiasmo pelo qual se metamorfoseia a vida corrente e que faz brotar, entre as visões habituais, florões, belas e suaves imagens que a tornam magnífica em torno de nós.

Durante essa calma, na qual o apaziguamento da Natureza penetra até o fundo de nossos corações, o espírito, liberto de suas preocupações diárias, desprende-se e se eleva, desliza o seu vôo acima do mundo sensível e descobre o que ignorávamos. Não se trata de associações de idéias ou, se um fato desse gênero se produz, não nos é perceptível.

Em todo caso, efetua-se um trabalho superior àquele que poderíamos dar pela tensão voluntária de nosso espírito. Temos a impressão feliz de tirar de uma fonte superior esses pensamentos novos que nos iluminam em uma claridade resplendente.

• • •

Bem doces são as alegrias que goza assim o Iniciado! Seu trabalho é facilitado por esta elevação de sua alma acima de si mesmo.

Enquanto o intoxicado vê toda a sua atividade cerebral limitada à imaginação, cuja forma se desregra e se perverte, o adepto ganha, no seu recolhimento na Natureza, poderosas faculdades superiores. Encontra a idéia que procurava. Ele a

renova e a multiplica. E essas idéias que se produzem em jato contínuo, coordenam e se encadeiam de mil maneiras imprevistas. Não são os vagos clarões que provêm da alucinação. Tem-se a oportunidade de notar os coloridos; e aquele que sabe desenvolver assim a sua intuição, chega a recolher, à vontade, as intuições que procura e que o procuram sem interrupção, segundo o grau de sua necessidade de trabalho.

O domínio do Iniciado é vasto e cresce sem cessar.

Os pensamentos superiores o visitam nos momentos em que a calma que soube fazer descer à sua alma o prepara a receber o seu influxo. Sob esta irradiação, mil eclosões se produzem que desenvolvem e tornam magníficas as suas faculdades mais admiráveis. Sente que, quando a vontade é dominadora e bem desenvolvida, não há mais limites ao poder do homem.

Ele sai de si mesmo; expande-se com toda a lucidez; saboreia, na sua plenitude, o encanto dessa Natureza que ele compreende melhor, à medida que a decifra e que dela se deixa penetrar.

Não é possível imaginar os benefícios de uma tal intuição. Resulta disso, para o homem de negócios, uma visão inteiramente nova de seus traba-

lhos; o que lhe pareceria difícil, intransponível, aparece-lhe subitamente claro e fácil. Vencerá, bem o sabe. Vence. As dificuldades não são nada para aquele que as considera com a vista lúcida. As forças realizadoras vêm, acompanham as idéias.

É o mesmo com relação às produções artísticas. Sob o efeito da inspiração, as dificuldades técnicas se esclarecem. A produção se eleva e se intensifica: o artista comungou com as harmonias supremas; ele as faz irradiar.



Do mesmo modo que se aprende a concentrar o pensamento sobre uma idéia determinada, também se pode dirigir o trabalho intuitivo.

Tal assunto me interessa. Procuo exercer sobre ele a minha intuição. Limito-me a notar sobre uma folha ou simplesmente na minha memória, o objeto na sua mais simples forma.

Não estudo; não reflito. Contento-me a ir para o lugar mais propício às minhas meditações, para o canto preferido do meu aposento ou, melhor ainda, para a Natureza que me envolve na sua calma apaziguadora.

Lá no encantamento do bosque, próximo da fonte que sussurra, encontro a calma que emana do meu quarto preferido. Abandono-me à doçura dessa hora encantadora; não faço um só esforço; enfim, nenhum esforço ser-me-ia útil na tarefa que empreendi. Não penso em nada em particular.

Muitas vezes, no começo, as horas passam, sem que se apresente qualquer coisa ao espírito; não me preocupo, não me esforço; é necessário que a inspiração seja espontânea. O essencial é conservar a calma, não sentir nenhuma tensão cerebral. Não é preciso mesmo perguntar se virá ou não; é preciso esperar na calma, evitar todo o esforço de atenção.

O espírito deve estar repousado.

O hábito auxiliando, somos muitas vezes surpreendidos, porque, simplesmente pelo repouso do espírito, sem nenhuma pesquisa particular, as idéias afluem.

Parece que um véu espesso se rasga diante dos olhos do espírito, que o nevoeiro se dissipa e que idéias, iluminadas por uma flama interior, se levantam no nosso pensamento.

Aparecem de improviso e nos espantam pela sua precisão e seu relevo. Vêm, tanto mais

vivas e rápidas quando esse trabalho tão simples se nos torna habitual. E que trabalho fácil! Sentimo-nos auxiliados, sustentados, por uma doce e poderosa mão. A doçura desta sensação nos extasia. Tudo o que a solidão pode ter de triste desaparece do nosso pensamento; estamos embriagados de alegria.

É assim que se produz o trabalho intuitivo quando é desejado, procurado. Esse trabalho é sempre superior àquele que se faria por um processo diferente. É superior pela elevação dos pensamentos, pela amplidão e variedade das associações das idéias. Faz-se sem pressa e sem perturbação. Sois senhor absoluto dessas idéias. As imagens, que vos rodeiam, não deslizam com a rapidez cinematográfica que têm entre os grandes nervosos; tendes, ao contrário, todo o tempo necessário para as notar, escolher, agrupá-las seguindo uma ordem a mais harmoniosa possível.

E se, em um ponto particular, desejais obter um trabalho intuitivo mais intenso, bastará pensar docemente nesse ponto, evocá-lo, sem brutalidade, e esperar; as idéias complementares afluirão logo.

Vós mesmos sereis surpreendidos pela facilidade e utilidade do que parecerá um brinquedo,

se os resultados não fossem tão vastos. E esse trabalho considerável, vós o obtereis tanto mais facilmente quanto tiverdes chegado por um exercício necessário, pela prática, a mais isolamento, a um domínio absoluto de vós mesmos. O artista, o compositor, também eles, podem desenvolver a intuição propícia às obras de sua arte.

O mecanismo é o mesmo para todas as formas de intuição. Seja na natureza ou em casa, em um lugar calmo, o ateliê do pintor, do compositor, do músico, o quarto do poeta, o laboratório do inventor também, cada um pode desenvolver em si essa faculdade na calma e na meditação. Certamente, ela não dá o gênio, mas todos retirarão, desse exercício, inapreciáveis vantagens que lhes permitirão descobrir, em si mesmos, dons inatos que ignoravam talvez totalmente.

• • •

Os psiquistas que estudaram os fenômenos de lucidez e de intuição entreviram os imensos horizontes que podiam abrir ao pensamento.

O ser que se desenvolve descobre em si mesmo infinitas possibilidades.

O Dr. Eugène Osty, que mostrou, com autores, a possibilidade para um indivíduo ler no cérebro de uma pessoa, pensamentos que aí se ocultam, escreve:

“Assistiremos ao espetáculo do homem descobrindo as magnificências insuspeitas de seu espírito, através dos cérebros lúcidos, esforçando-se, por meios ainda ignorados, em utilizar, primeiro indiretamente e talvez diretamente mais tarde, a extensão de conhecimentos de seu pensamento?... Veremos a engenhosa, mas enferma inteligência consciente assaltar o grande pensamento latente?”

Certamente, indivíduos lúcidos podem ler no nosso cérebro, mas, em certas condições, podemos ler também.

O domínio do pensamento comporta problemas vários e complexos que não serão elucidados antes de longas pesquisas. Os fatos de intuição são, talvez, aqueles que propõem questões as mais delicadas e as mais imprevistas. De onde vêm os nossos pensamentos? Fazem eles parte de um fundo comum que se espalha como um vasto rio sobre o universo inteiro?

Encontramo-los no nosso cérebro? De onde vêm essas correntes de idéias que se impõem a

toda uma época e que lhe dão, na história, seu caráter especial?

Passar-se-á muito tempo antes que se tenha encontrado para todas estas interrogações uma resposta plausível, baseada em observações notadas com cuidado e método.

Não podemos, agora, senão registrar o que nos é conhecido, conduzirmos apenas a nossa pedra para o edifício comum.

• • •

Nossos pensamentos estão primeiramente em nós.

Parece estar em reserva nas profundezas da nossa consciência, nas criptas ocultas do nosso inconsciente. Toda a nossa personalidade moral está impregnada de pensamentos, embebida neles. Estão em nós como um tesouro oculto debaixo da terra. Nós mesmos nem suspeitamos o seu valor e a sua importância.

Nossos pensamentos estão em nós e em torno de nós. Nós os esparzimos como um perfume. Arrastamo-los como uma sombra. Eles nos são de tal modo habituais que nem fazemos idéia mesmo dessa riqueza.

Não poderíamos viver sem eles, como não poderíamos viver sem o ar respirável, e os esquecemos como fazemos com o ar, no qual não pensamos senão se dele estamos privados.

Conhecemos tão pouco a nossa personalidade que não cuidamos nem ao menos dos pensamentos que nos assaltam a todo segundo. No trabalho íntimo que se opera no fundo de nossa consciência, qual é a proporção dos pensamentos que acreditamos verdadeiramente pessoais e a proporção daqueles que nos vêm de fora e que aumentam sem cessar a nossa riqueza intelectual? Recebemos impressões a cada segundo, desde sempre, desde o momento em que os nossos olhos estão abertos, em que pensamos sem saber o que fizemos, somente porque respiramos a atmosfera intelectual da Humanidade.

Nas horas de calma, de meditação, parece que seja nesse reservatório que nos vamos alimentar. Certamente, ficam em nós, na sombra do subconsciente, muitas impressões de que esquecemos e que somente dormitam.

Quando o superconsciente desperta, encontra-as novamente e as arrebatada para a luz, e essas sensações esquecidas nos parecem vivas e novas, porque as consideramos com mais atenção.

É assim que nos vêm muitas idéias que nos seduzem pela sua originalidade, idéias que jorram espontaneamente e que nos encantam por alguma coisa de imprevisto e de novo.

Mas é somente nas profundezas da alma humana que haure a superconsciência? Parece que não. Os dados verdadeiramente intuitivos têm justamente de particular que não aparecem sempre como superiores ao que produziríamos habitualmente. Saem inteiramente do quadro em que nos habituamos a progredir.

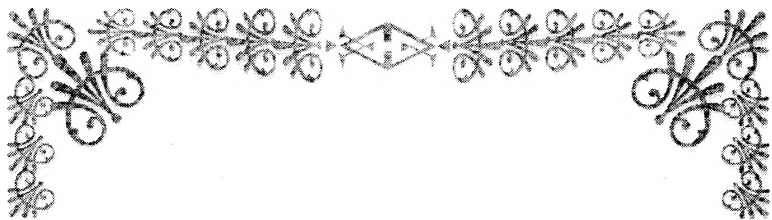
Quando a intuição desce sobre nós, que facilidade nos vem para um trabalho árduo! O que nos havia detido, desaparece subitamente. Descobrimos em nós novas faculdades. Trabalhamos sem esforço, na alegria, no arrebatamento que nos leva para uma atmosfera superior onde tudo é leve, risonho, harmonioso, onde a mágoa não existe.

Verdadeiramente, sentimos que qualquer coisa em nós está desprendida da matéria, da vida banal, que um fato novo e inesperado produziu-se quase sem que déssemos por isso.

Atingimos as Fontes puras, tocamos essas Forças inteligentes e amigas que os poetas têm

cantado e que os extasiam de Claridade, de Vida, de Esplendor.

Estão aí essas Fontes puras. Estão à nossa disposição, ao alcance da nossa mão. Parece que não devemos senão formular o nosso desejo e lançarmo-nos com o coração sincero, para as atingirmos e mitigarmos a sede. É pouca coisa, para obter tais alegrias, sujeitarmo-nos a um exercício, a uma prática que não é nem dolorosa nem amarga, e que, depois de algum esforço de vontade, faz-nos comungar com os Ritmos e com as Forças que levam o pensamento a viver no mundo da Luz que é o seu real elemento.



Tenha Personalidade Agradável

Na sociedade em que vivemos, constantemente encontramos homens cultos e competentes em suas profissões, mas destituídos de personalidade agradável. Não conseguem triunfar... Em vez de colherem os frutos de seus esforços, lutam contra as mais adversas condições financeiras, desarmonias no lar, fracassos nos negócios, abalos morais e outros fatores que os aniquilam por completo.

Como se explica tal situação, apesar da educação, do preparo e da cultura que receberam? Falta-lhes personalidade dinâmica e atraente. Porém, como adquiri-la, para serem felizes e triunfantes? Pelo PODER DO PENSAMENTO!

Aprendendo a dominar os pensamentos e a concentrá-los no ideal almejado, você adquirirá nova PERSONALIDADE E TRIUNFARÁ.

O Círculo Esotérico da Comunhão do Pensamento dá a chave a todos que buscam, através de instruções, palestras e práticas esotéricas de comunhão mental.

Participe de uma verdadeira fraternidade esotérica, filian-do-se ao Círculo Esotérico da Comunhão do Pensamento, e conquiste a liberdade com conhecimento, vontade e sabedoria.

Círculo Esotérico da Comunhão do Pensamento

Rua Dr. Rodrigo Silva, 85 - Cep 01501-010

São Paulo - SP

AS FINALIDADES DO CECP

O “Círculo Esotérico da Comunhão do Pensamento”, fundado em 27 de junho de 1909, na cidade de São Paulo, onde tem sua sede na Rua Dr. Rodrigo Silva, nº 85, Centro – São Paulo, SP, é um círculo de comunhão de pensamento de seus membros e tem por fim:

a) Promover o estudo das forças desconhecidas do homem e da Natureza, estimulando o amor a esta, zelando pela sua defesa.

b) Promover o despertar das energias criadoras latentes de cada filiado, no sentido de lhe assegurar o bem-estar físico, moral e social, mantendo-lhe a saúde do corpo e do espírito.

c) Concorrer, na medida de suas forças, para que a Harmonia, o Amor, a Verdade e a Justiça se efetivem cada vez mais entre os homens.

d) Promover a divulgação constante, ativa e eficiente, entre seus filiados, por meio de publicações, mediante contratação com empresas especializadas, conferências, de recomendações quanto ao máximo respeito e tolerância para com todas as religiões, credos filosóficos e correntes políticas.

e) Empregar todos os meios ao seu alcance em prol do bem comum, empenhando-se no combate aos vícios que flagelam a humanidade, quais sejam: o alcoolismo, os tóxicos inebriantes, as incontínências física e moral.

f) Auxiliar, na medida de seus recursos, todo empreendimento humanitário altruísta.

g) Incentivar entre seus membros o culto cívico dos grandes benfeitores da humanidade, o respeito às Leis e ao poderes constituídos do país.

h) Promover a organização de um coral, a fim de estimular o desenvolvimento do sentido musical entre seus associados e divulgar hinos e canções representativas do esoterismo.

i) Organizar e manter uma biblioteca que acolha os grandes mestres do pensamento, com seção especial dedicada aos livros e outras publicações relativas ao esoterismo. A essa biblioteca terão acesso os associados e instituições ou pessoas que, autorizadas, desejarem fazer pesquisas sobre o esoterismo ou outras que a biblioteca possa proporcionar.

j) Manter em dependência da sede do “Círculo Esotérico da Comunhão do Pensamento” um cenáculo destinado ao recolhimento de diretores, associados e, ou convidados, para a prática de orações e exercícios esotéricos.

k) Fomentar relações com agremiações congêneres, quer nacionais, quer estrangeiras.

l) Empenhar-se, mediante os necessários estudos, para ser instituída uma FUNDAÇÃO que abranja todas as múltiplas atividades administrativas do “Círculo”, permanecendo este com a finalidade precípua de difundir as idéias e iniciativas que embasam as atividades mencionadas, contendo-as nos limites dos ideais esotéricos.

